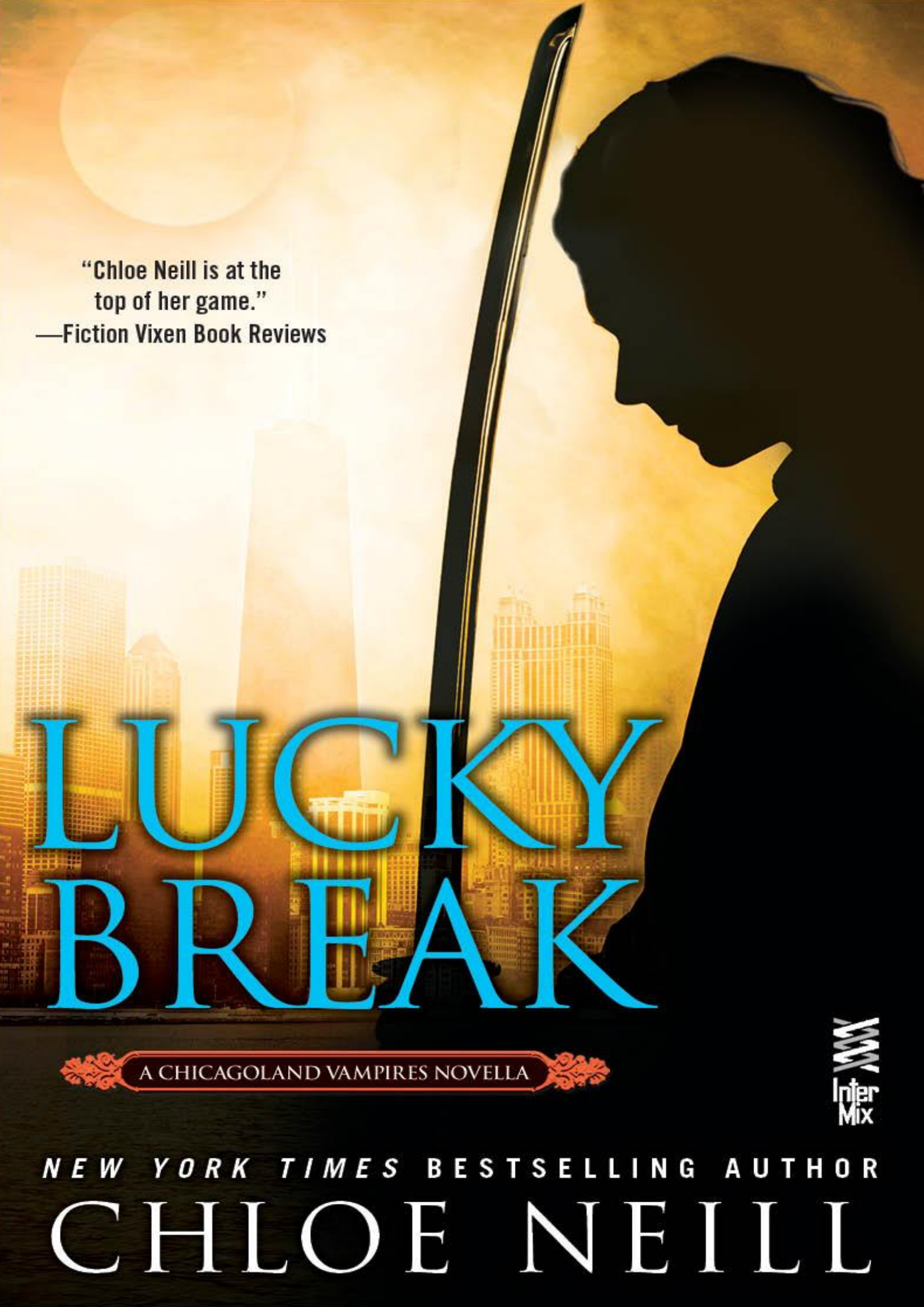




"Chloe Neill is at the
top of her game."

—Fiction Vixen Book Reviews

LUCKY BREAK

A CHICAGOLAND VAMPIRES NOVELLA

MM
Inter
Mix

NEW YORK TIMES BESTSELLING AUTHOR

CHLOE NEILL



LUCKY BREAK

Chicagoland Vampires, 10.5



Amai a vossos inimigos, pois eles nos dizem nossas falhas.

Benjamin Franklin

CAPÍTULO 01



O mundo abaixo de nós estava escuro, cidades brilhando com luzes como circuitos elétricos espalhados sobre a lona preta.

— É um mundo bonito, Sentinela.

Mudei o meu olhar para o vampiro na minha frente na cabine do jato luxuoso da casa. Alto, com cabelos dourados que roçava os ombros e olhos como esmeraldas, Ethan Sullivan se sentou na cadeira de couro marfim como um Mestre. Ele era um, chefe da Casa Cadogan de Chicago e membro da recém-criada Assembleia Americana de Mestres. Não era a posição que eu esperava, mas era certamente a mais igualitária de uma era, ele agora era membro de um congresso democrático, em vez de um rei imperial.

O teste psicológico e físico que ele tinha passado tinha sido cansativo, e não ajudava que tínhamos tido o acompanhamento de um assassino ao mesmo tempo. O desastre tinha concluído com outro golpe: uma nota tinha sido deixada em nosso apartamento na casa Cadogan fingindo ser do próprio criador de Ethan, Balthasar, que supostamente estava morto há muito tempo. Não havia nenhum outro sinal dele, mas andamos no limite da tensão desde que tínhamos encontrado a mensagem escrita à mão.

Aquele tinha sido apenas os episódios mais recentes em um longo e dramático ano, e nós precisávamos de uma pausa. Então estávamos indo para o oeste para passar alguns dias em Elk Valley, uma cidade tranquila nas montanhas rochosas do Colorado, no retiro da montanha de um velho amigo de Ethan.

Nós não tínhamos viajado juntos anteriormente por motivos alheios ao drama mágico, e eu estava tanto animada quanto apreensiva. Mas, da melhor maneira possível.

— É um grande mundo. — Eu disse. — Eu gosto de voar porque me lembra o quão grande o planeta é e como somos pequenos em comparação. Eu gosto dessa ideia que estamos sendo inconsequentes, que os nossos problemas são irrelevantes, também. — Um canto de sua boca se elevou.

— Você nunca poderia ser inconsequente, Merit. — Ele olhou para fora da janela, traçou uma junta através do vidro. — Mas eu entendo o seu ponto. Vivendo na escuridão reduz a nossa visibilidade, parece estreitar o mundo. Até aqui, trinta mil pés acima da terra, somos lembrados de sua magnitude.

— O vinho está deixando você poético. — Ele olhou para mim novamente com calor e fogo sorrindo com confiança preguiçosa.

— Vamos ver o quão poético você pode me fazer?

A porta da cabine se abriu e uma pequena morena vestindo saia e casaco andou para a frente com uma bandeja.

— Algo para beber, senhor? Senhora? — Sorrindo, Ethan apontou-lhe o meu caminho.

— Se ela está acordada, ela está com fome.

— Eu estou bem, obrigada. — Eu disse, levantando a mão para declinar. A negação era principalmente por princípios, uma vez que a bandeja de petits fours e tortas parecia incrível. A aeromoça balançou a cabeça, se endireitando novamente.

— Por favor, me deixe saber se você mudar de ideia. Eu espero que você esteja desfrutando de suas férias até agora?

— Ela está apenas começando. — Disse Ethan. — Mas até agora, está tudo bom.

Ela sorriu e acenou com a cabeça, então silenciosamente voltou para a área de pessoal, deixando-nos sozinhos em um quarto flutuante de couro caro e madeira, sete milhas no ar. Ethan sorriu, curvando um dedo para mim.

— Nada disso. — Eu disse a ele. — Nós não estamos exatamente sozinhos.
— Ele arqueou uma sobrancelha, seu movimento de assinatura.

— Eu acredito que posso conseguir não violentar você pela duração do voo, Sentinela. Apenas venha se sentar comigo.

Eu não diria que eu era do tipo de ficar sentada quieta, mas não tínhamos muitas oportunidades para relaxar juntos. Então eu aproveitei, atravessei o pequeno espaço entre nossas cadeiras, e deixei que ele me envolvesse em seus braços.

Desde que estávamos oficialmente de férias, eu renunciei minha jaqueta de couro e calça, o uniforme que eu tinha adotado como sentinela da Casa Cadogan e usado uma camisa rosa pálido com jeans apertados, uma combinação que me fez parecer mais uma bailarina do que uma guerreira vampira. Mas mesmo uma guerreira precisava de uma noite longe de sua espada, longe das batalhas e intrigas políticas que sempre pareciam nos encontrar.

— Minha Sentinela. — Disse Ethan, se reclinando na cadeira e diminuindo as luzes. Com os corpos entrelaçados, vimos o mundo girar abaixo de nós. — Tem sido um inverno duro. Vamos acolher a primavera.

Fechei os olhos, saboreando o cheiro dele, a masculinidade. Sua colônia era nítida e limpa, e cobria com suavidade o sabão e o aroma levemente picante que ele tinha. Ele era todo acolhedor e familiar, e eu ainda admirava que ele era meu. Eu sorri enquanto seus braços apertaram em torno de mim.

— Então o que vamos fazer em Elk Valley, Colorado?

— Além do óbvio? — Ele perguntou, mordiscando minha orelha. — Não haverá longas caminhadas, belas paisagens ou rios no qual podemos mergulhar quando é quente o suficiente. E, considerando seus interesses particulares, algumas refeições requintadas.

— Estou mais do que a soma dos meus desejos culinários. — Ele riu.

— Eu nunca duvido. Acima de tudo, Merit, podemos ser nós mesmos. Homem e mulher sem política ou o caos entre nós.

— Isso soa muito bem.

— Será. Tenho a intenção de mimá-la, Sentinela.

— Continue dizendo isso.

— Farei. Vamos ver o quão bem eu vou manter a minha palavra.

— O que... — Eu perguntei uma hora mais tarde, quando estávamos na pista — é isso?

Era um monstruoso veículo. Pneus grandes a uma distância grande do solo. O exterior era tão laranja que fiquei meio surpresa que não emitia luz própria.

— Isso, — disse Ethan, dando um passo ao meu lado, as mãos nos quadris e um brilho decididamente alfa em seu rosto — é o nosso veículo.

— Porque temos medo de um apocalipse zumbi? E nós esperamos que eles sejam daltônicos?

— Porque precisamos da tração nas quatro rodas. Nós não iremos por estradas pavimentadas nesta viagem.

Estava com as emoções em conflito sobre andar no meio do mato no Colorado. Não porque eu estava com medo da floresta; Eu era um predador, depois de tudo. Mesmo que a visão esteja limitada, a escuridão me era familiar, e as florestas como casa para qualquer número de coisas se surgisse a necessidade. A noite era nosso território. Mas porque para chegar lá, eu teria que andar na explosão Laranja.

— Eu vou chamá-lo de Explosão Laranja, — eu anunciei para Ethan.

— Faça como você quiser. — disse ele, auxiliando a carregar as malas, em seguida, abriu a porta do passageiro para mim. — E como o seu Mestre, eu vou fazer como eu quero. — Isso passou como um choque em mim.

O sol tinha se posto, mas a lua estava alta, um disco brilhante de cor branca que brilhava acima de nós. Nós dirigimos por vales estreitos cercados por encostas cobertas de árvores, em seguida, montanhas, traçando estradas curvas que subiam suavemente para cima. Ethan tinha baixado as janelas, e o barulho de uma correnteza à nossa direita tornou-se a música de nossa jornada. Olhei para as colinas pontilhadas de árvores, me lembrou uma viagem em família para Aspen quando éramos mais jovens. Meu irmão, Robert, minha irmã, Charlotte e eu tínhamos esquiado com abandono descendo colinas, eu deveria ser muito jovem para tentar, mas eu tinha estado muito encantada com a velocidade para deixar de fazer. Eu tinha conseguido um braço quebrado pelo meu trabalho. Mas o esqui não era o ponto... As árvores eram.

— Essas são álamos, certo? — Estacas de Aspen eram o único tipo capaz de matar vampiros.

— Eles são. — Ethan disse, ambas as mãos no volante, os olhos na estrada, enquanto manobrava o veículo em torno de curvas que ele provavelmente poderia ter tratado melhor em sua própria Ferrari elegante. Mas A Explosão Laranja tinha sido sua escolha.

— É irônico que você escolheu para as nossas férias um lugar cheio de ferramentas para caçar vampiros? — E o tipo de ferramenta, pensei, que uma vez o matou e o transformou em cinzas.

— É. — ele concordou. — Mas isso é o Colorado, ou esta parte específica de qualquer maneira. E eu não tenho nenhuma intenção de ser estacado agora ou mais tarde.

Eu não duvidei dele, mas ainda bati no painel para afastar o mal olhado. Eu vi muitas coisas no meu ano como um vampiro para duvidar do perigo, especialmente considerando sua nova posição, ou a eficácia de precauções. Ethan se virou para uma estrada lateral, asfalto tornando cascalho irregular e curvas fechadas. O som do riacho ficou mais alto, juntou-se agora pela queda de rochas por baixo do carro. Nós escapamos por uma parede de granito puro que estava tão perto da estrada que eu poderia ter me esticado e tocado a rocha ou a água que escorria por ela.

Mais uma curva, e a estrada abriu de repente em um amplo vale entre montanhas cobertas de Aspen. No meio do prado estava um enorme edifício de pedra, precisamente o tipo que eu esperava ver nos confins do Colorado. Enormes vigas, pedras gigantes e um telhado feito de folhas vermelhas de metal dobradas como um origami arquitetônico. O telhado íngreme em ângulos aqui e ali, e toda a casa brilhava dourada como se cada sala estivesse cheia de velas.

A varanda que se estendia por toda a frente da casa, o seu corrimão de madeira lavradas. Um pátio de pedra estava à direita da casa, espalhados com mobiliário de madeira pesada e adornados com uma banheira de hidromassagem cercada de pedra que soltava vapor no ar frio da primavera.

— E aqui estamos nós. — disse Ethan, parando o carro. — Bem-vindo a Ravenswood.

— É lindo. — eu disse, abrindo a porta e pulando para fora no chão ainda macio da neve recentemente derretida. Eu cruzei a passagem de pedra indo para a varanda. A palavra ‘Ravenswood’ estava queimada em uma madeira larga pendurada em dois ganchos acima da porta.

A silhueta de um corvo, empoleirado acima do segundo ‘o’. Eu passei os dedos em torno de uma das vigas que sustentavam o telhado amplo da varanda, a madeira fria e escorregadia como plástico. Cadeiras confortáveis estavam situadas aqui e ali, e um balanço pendurado no canto extremo. Imaginei passar uma noite balançando no balanço, livro na mão, Ethan ao meu lado. Ainda. Enquanto o estilo da casa não era surpreendente, o tamanho era. Voltei a olhar para Ethan.

— Eu pensei que nós estávamos indo para uma casa de hóspedes. — Ele sorriu.

— Esta é a casa de hóspedes.

— Droga — eu disse. — Quão grande é a casa principal?

— Grande. — ele disse, apontando para um caminho que levava para a floresta. — A casa está no meio da floresta, você precisará do Google. — ele acrescentou com um sorriso, em seguida, puxou as bolsas e as nossas katanas

embainhadas da parte de trás do veículo antes de fechar o porta malas novamente. Ele entregou as katanas para mim, em seguida, puxou uma chave do bolso e abriu a pesada porta de madeira.

— Bem-vinda às suas férias, Sentinela.

A decoração do interior da casa ecoou o exterior. Pisos de madeira, paredes que brilhavam como o mel de madeira, e no final do cômodo, uma enorme lareira que subia para o teto abobadado. A mobília era de couro e de grandes dimensões, dispostos a enfrentar uma parede de janelas que se abriam para o vale além.

A porta de vidro conduzia a uma plataforma de madeira que flanqueava a parede da janela e espelhava a parte dianteira da casa. Eu abri, saindo e engasguei com a vista. O vale propagado diante de nós como um presente, montanhas subindo alto de cada lado, um pequeno rio movendo sinuosamente pelo meio até que desapareceu na distância. Verde tinha começado a brotar através do chão manchado com neve, e toda a cena estava iluminada por uma lua que pairava pesado no céu.

O corpo de Ethan apertou calorosamente contra o meu, envolvendo os braços em volta de mim enquanto eu olhava avidamente a vista, memorizando cada contorno, cada pedra e rochedo e a curva de água escorrendo.

— Talvez o mundo não é tão estreito depois de tudo. — disse ele. Eu balancei a cabeça, sorrindo quando uma brisa morna, o sopro da primavera, sussurrava em meus cabelos.

— Talvez não.

Ficamos ali juntos por um longo momento silencioso, até que nossos olhos se ajustaram à escuridão e os nossos ouvidos para o silêncio incomum. Chicago não era uma cidade tranquila. Mesmo no Hyde Park, que era milhas distante do centro da cidade, tinha um nível constante de ruído. O tráfego aéreo de Midway, carros, vizinhos, cães, sirenes. No início, não havia nada. Mas, quando os nossos ouvidos se acostumaram, sons surgiram. O deslizamento e queda de água em torno de rochas, o sussurro do vento através da grama, sapos e grilos escondidos entre as pedras. O rangido da madeira como da casa, como se ela também estava

relaxando na escuridão. O toque súbito da campainha foi uma explosão de som. Ela tocou uma vez, em seguida, novamente, com urgência manifestada. Ethan amaldiçoou, lançado a mim um olhar e olhou para trás. Eu imediatamente entrei em alerta.

— Quem sabe que estamos aqui?

— Ninguém no estado, tanto quanto eu estou ciente, somente Nessa e seu marido.

Nessa McKenzie era nossa anfitriã, a proprietária de Ravenswood e sua casa principal que acompanhava, o grande monstro que se escondia no caminho arborizado. Segui Ethan até a porta, esperando ao lado dele enquanto ele verificava pelo olho mágico e abria a porta sem uma palavra. Ela estava na porta, um vampiro na forma de uma morena voluptuosa. Seu cabelo, uma cabeleira escura de cachos, caia para a frente sobre um ombro. Seus olhos eram grandes e marrons, e estrias de sangue manchava as mãos e seu vestido.

— Nessa. — Ethan disse, com evidente surpresa e preocupação quando ele a olhou. — O que aconteceu?

— É Taran. — disse ela, com os olhos cheios de lágrimas. — Ele está morto.

CAPÍTULO 02



— Vem para dentro. — disse Ethan. Ele a pegou pelo braço, puxou-a suavemente para dentro do hall de entrada, e fechou a porta novamente.

— Nessa, esta é Merit, minha Sentinela.

Taran é o marido, ele acrescentou silenciosamente, usando a nossa ligação telepática. Ethan colocou uma mão apoiando as costas, a linha familiar de preocupação entre os olhos. E, embora ele não falasse as palavras, silenciosamente ou de outra forma, eu podia ler seus pensamentos bem o suficiente.

— Venha. — disse ele, andando até o sofá e a ajudando a se sentar. — Digam-nos o que aconteceu. — Ela agarrou o braço do sofá, sacudiu a cabeça.

— Eu vim para casa, e Taran estava deitado no chão. — Ela olhou para baixo, os olhos seguindo para trás e para frente, como se estivesse vendo-o lá novamente. — Eu pensei que ele tinha caído. Escorregado. Eu brinquei com ele sobre isso, algo sobre como seria melhor ele se levantar, e o chamei de desajeitado, mas é aí que eu percebi... Ele estava morto. — Ela soluçou, cobriu o rosto com as mãos, enquanto Ethan passou a mão sobre suas costas.

Sua dor era evidente, palpável, e um lembrete assustador. Eu tinha perdido Ethan uma vez em um tempo muito escuro, e mesmo que eu o tinha recebido de volta por um milagre de mágica quebrada, eu ainda lembrava a tristeza que isso consome. A dor, a frustração, o sentido de que o mundo nunca seria novamente certo. Ethan encontrou meus olhos, reconhecendo a dor que ele deve ter adivinhado que eu me lembrava.

Vou pegar algo para ela beber, eu disse a ele. Fui para a cozinha, peguei um copo de água de um frasco na geladeira e levei de volta. Ethan pegou, nossos dedos se tocando quando passei para ele. Ele encaixou entre as mãos de Nessa, agora amassando os punhos em seu colo.

— Beba. — disse ele, ela balançou a cabeça e inclinou o vidro com as mãos trêmulas. Ethan esperou até que ela baixou novamente. — Você ligou para as autoridades?

— Para o xerife, — disse Nessa com um aceno marejados. — Tom McKenzie. Há um monte de McKenzies no vale. Ele veio com um deputado e eles começaram a olhar ao redor. Fui para fora para tomar um ar, e então eu comecei a andar... — Ela olhou ao redor da sala, como se estivesse totalmente surpresa por onde estava. — Eu vim aqui.

— Será que vão estar procurando por você? — A pergunta de Ethan estava baixa, seu tom cauteloso.

— Eu não sei. Provavelmente. — Seus olhos se encheram de novo, e desta vez não havia medo neles. Ethan e eu trocamos um olhar. — Nessa. — disse ele suavemente. — O quê mais?

— Taran era um shifter. — ela disse, as palavras saindo em uma onda de som. Eu percebi tarde demais a magia fraca que ela carregava, em virtude do sangue de seu marido. — Os McKenzies são contra o nosso casamento.

— Porque você é um vampiro? — Perguntei. Nessa colocou o copo no chão, enxugou os olhos e assentiu. — E um membro do clã. — As sobrancelhas de Ethan levantaram, sua própria magia perfurando o ar.

— Há um clã aqui? — Clãs eram, tanto quanto eu me lembrava do Canon oficial, grupos de vampiros rogue, aqueles que não residem em uma Casa como nós e vivem juntos como uma família humana. Onde Rogues geralmente preferiam viver sozinhos, vampiros em clãs viviam juntos, como Casas não oficiais. Casas não regulamentadas, então eles agiam como famílias humanas para manter o seu perfil baixo e raramente revelavam sua existência.

— O Marchands. — disse ela, escovando o cabelo do rosto com as costas da mão, o sangue escorrendo através de sua pele pálida. Ela não parecia notar. — Nós estamos no vale a quase tanto tempo que os McKenzies. O conflito não começou muito depois.

— Sobre a terra? — Perguntou Ethan.

— A terra, a sua utilização e controle. A população. Posses.

— Há uma briga. — Ethan concluiu.

— Houve uma briga. — disse Nessa, seu desespero óbvio. — Tinha acabado, eu pensei que já tínhamos passado por isso. — Ela olhou para Ethan. — Eu sinto muito. Estou tão triste que você está aqui, agora, e isso está acontecendo. Eu pensei...

— Não se incomode com a gente. — disse ele, balançando a cabeça. — Vamos nos concentrar no que aconteceu. — Ela olhou para suas mãos, estrias de sangue escuro secando, as unhas manchadas com ele, seus dedos tremendo.

— Eles o mataram. O puniram por nossa transgressão, por me casar. Eles virão por mim agora.

O corpo de Ethan se esticou ante o sinal de problemas por vir, guerra, antes de relaxar novamente com aceitação resignada.

— Nós não vamos deixar isso acontecer. — Não ficou claro se ela o ouviu, com seu olhar ainda em suas mãos manchadas.

— Seu sangue. Este é o seu sangue.

— Por que você não vai se lavar? — Ethan sugeriu. — Ligue para o seu clã, para que eles saibam onde você está. Eles podem enviar uma mensagem para o xerife que você está aqui. Ele vai querer questioná-la. — Ele vai querer saber que ela não fugiu por culpa, pensei.

Nessa balançou a cabeça, levantou-se e caminhou até a extremidade do quarto, desapareceu por uma porta. Um momento depois, o fechamento de uma porta e o som de água corrente. Eu mantive minha voz calma.

— Você confia nela? — Ethan franziu o cenho.

— Eu não tenho nenhuma razão para não confiar nela. — Ele me disse antes de sairmos de Chicago que Nessa tinha sido uma amiga de dois vampiros Cadogan,

Katherine e Thomas, irmãos originalmente de Kansas City. Eles haviam ficado em contato com ela, e ela visitou Chicago. É assim que Ethan tinha conhecido ela há várias décadas.

— Eu a conheço há muitos anos, Sentinela. E enquanto eu diria que eram mais conhecidos do que amigos íntimos, eu certamente não sei de nada que sugira que ela teria matado seu marido. — Ele escovou os dedos na minha bochecha. — Eu não teria vindo se soubesse do perigo. — Eu não tinha dúvida disso. E ainda assim, aqui estávamos. Olhei pela janela para o vale além, a lua arqueando pelo céu. Senso de honra e lealdade de Ethan tornou extremamente improvável dele abandonar esta mulher para o que poderia ser um destino muito feio nas mãos de uma multidão.

— Eu sei. — eu disse, e peguei a mão dele. — Isto não vai ser um período de férias, não é?

— Ah, minha Sentinela. — ele disse, e apertou os lábios na minha testa. — Foi um pensamento agradável, não? Que iríamos encontrar paz neste belo país?

Era um pensamento maravilhoso. Mas na segunda batida na porta, esta, uma batida sinistra de um punho de carne contra a pesada madeira, percebi o quão longe estava.

— Os aldeões com tochas? — Disse Ethan, apenas parcialmente brincando.

Não aldeões, eu imaginei, dada a magia de animais que começou a infiltrar-se na casa.

Shifters.

Meia dúzia de shifters para ser exata, de pé em frente ao jardim como uma gangue de justiceiros prontos para fazer justiça no Velho Oeste. Ethan e eu estávamos sozinhos na varanda, katanas prontas. E uma vez que estávamos em

desvantagem numérica e provavelmente sem magia, até que estávamos prontos. Minha expressão era feroz e determinada, mesmo que o meu coração batia como as asas de um pássaro pequeno dentro do meu peito.

Um shifter deu um passo à frente, e ele era uma figura imponente. De ombros largos o suficiente para ser um atacante defensivo, com um queixo quadrado e olhos profundos, seus cabelos longos e grossos, com mechas castanhas e loiras misturadas entre si. Suas sobrancelhas e barba por fazer eram mais escuros, seus olhos azuis gelo e cheios de conhecimento, com poder. Eu teria posto sua idade aos vinte e oito. O resto dos shifters eram homens em uma variedade de idades, com uma semelhança passageira com ele e partilhando a sua ferocidade. Sua magia, animal e cru, vibrou apenas o suficiente para sugerir que eles estavam totalmente armados.

Armas, eu silenciosamente relatei. Mas Ethan não se intimidou com armas, shifters ou mais ninguém. Sua expressão era totalmente sem graça.

— E você é?

— Rowan McKenzie. Estamos aqui pela sugadora de sangue.

— McKenzie. — Ethan repetiu, ignorando a demanda. — Você está relacionado com Taran?

— Rowan é primo de Taran. — disse Nessa. Ethan manteve seu olhar neles, mas eu olhei para trás, a encontrei na porta atrás de nós. Ela deu um passo para a frente, atravessou a varanda para ficar ao nosso lado. O contraste entre nós e eles, entre vampiros frios e pálidos e shifters com pele beijada pelo sol era inegável.

— O resto deles são McKenzies. — acrescentou. — Aparentemente, Rowan acreditava que precisava trazer sua tripulação.

— Meu primo está morto. — disse Rowan, e o resto dos shifters bateu as mãos contra os seus corações e gritou para o céu. O som cheio de tristeza e raiva era irregular e a magia levantou o cabelo na parte de trás do meu pescoço. E não em um bom jeito.

— Meu marido está morto! — Nessa gritou de volta. — Meu amante. Meu companheiro. Alguém o matou em nossa casa.

— Alguém fez. — Rowan concordou, seus olhos sobre ela. — Tom nos disse que Taran foi morto. Nós sabemos que você fez isso, e nós estamos aqui para fazer justiça.

— Eu não matei o meu marido. — ela disse, agora uma borda em sua voz com o sofrimento transmutado à ira. Foi a primeira vez que ela disse as palavras definitivas, mas eu acreditei nela.

— Eu o amava. — ela continuou, com a voz trêmula. — Vocês são aqueles que o odiavam. Você o odiava por casar comigo. Por abandonar a sua família. Por ignorar a contenda. Como eu sei que não foram vocês que o mataram? Que eu não deveria matar você para vingar sua morte?

— E agora quem está fazendo ameaças? — Rowan deu um passo à frente, depois outro, sua mágica saltando em direção a nós em ondas, vibrando com ódio. — Seu marido está morto em sua casa, e você está aqui com estranhos, sanguessugas. Já havia muitos vampiros no vale. — Ethan arqueou uma sobrancelha imperiosa.

— Nós não temos nenhuma briga com você, McKenzie, ou quaisquer outros shifters. Nós somos aliados do bando Central norte-americano. — Colorado era parte do território do Bando. Nós não tínhamos previsto arrumar briga com shifters, mas tínhamos dado ao Alpha, Gabriel Keene, um heads-up sobre a nossa viagem como cortesia. Rowan cuspiu no chão, um insulto óbvio.

— Os bandos não tem autoridade aqui. — O sorriso de Ethan foi fácil.

— Eu duvido que Gabriel Keene concordaria. Independentemente disso, ele está ciente que estamos aqui, e eu ficaria feliz em deixá-lo saber que você tem dúvidas sobre sua autoridade. Tenho certeza que ele teria uma resposta. Como por agora, desde que você se intrometeu na tristeza de Nessa e estão invadindo a sua propriedade, o que, precisamente, você quer? — Rowan olhou de soslaio para Nessa e mudou o peso do corpo de forma ameaçadora.

— Queremos que ela responda por seus pecados.

— Você tem provas de que ela assassinou seu marido?

— Ela é um vampiro e um membro do Clã Marchand. — disse um dos shifters atrás dele, que tinham a coloração de Rowan, mas menos peso, menos altura, como uma versão mais enxuta. — Provavelmente fez isso por vingança.

— Vingança de quê? — Ethan categoricamente perguntou, colocando a mão no braço de Nessa quando ela abriu a boca para falar.

— Ela é uma *Marchand*. — cuspiu Rowan, como se essa característica, esse insulto, era, obviamente, o suficiente para responder à pergunta.

Como a lógica não estava levando-os para qualquer lugar, Ethan o ignorou.

— O xerife está na casa investigando a morte de Taran. Se você tiver um problema com a investigação fale com ele. Nesse meio tempo, eu recomendo fortemente que você deixe Nessa com sua dor e siga em frente com o seu luto de uma forma mais produtiva.

Os lábios de Rowan se enrolaram, e os shifters atrás dele se moveram para mais perto.

— Ela vai com a gente, mesmo se tivermos que passar por você ou não. — Ethan considerou Rowan como se ele fosse uma criança mimada.

— Você está me ameaçando agora?

— Afirmando um fato. Este é o nosso negócio, nosso vale, e nossa luta. Você estaria melhor pisando de lado e nos deixando ir em frente.

— Então, você pode unilateralmente executá-la? Você está louco se pensa que vai mesmo chegar perto dela. — Os lábios de Rowan se curvaram no que poderia ter sido um sorriso, se tivesse havido um pouco menos de hostilidade nele. Ele olhou para seus homens, compartilhou uma risada, antes de se virar de volta para nós, o desafio em seus olhos. — E você vai nos parar? sozinho?

Essa foi a minha sugestão, eu pensei, e tirei cada pedaço de fúria vampira em meu arsenal.

— Não. — eu disse, dando um passo à frente de Ethan, assim como a sua magia pulsava com irritação atrás de mim. Ele odiou quando eu pisei na frente dele. Mas isso era meu trabalho, e como sua amante, meu direito era absoluto e não diminuído.

— Mas eu vou. — Eu desembainhei a minha katana, entreguei a minha bainha de volta para Ethan.

Lentamente, o olhar de Rowan caiu para mim, os lábios ainda enrolados em desgosto. Ele avaliou meu peso e altura, e provavelmente em força shifter pura, era difícil não ignorar o meu desejo lógico e profundo para virar as costas e encontrar um canto para me esconder. Mas esses caras estavam praticamente vibrando com ego, e eles não iriam nos deixar sem uma luta. Eles precisam de incentivo, e eu estava feliz de dar a eles.

— Os vampiros não me assustam.

— Bom — eu disse, deixando meus próprios olhos prata e as presas descerem, e girando a katana na minha mão. — Isso significa que você é estúpido. Tem sido uma semana desde que eu tive uma boa luta.

Tome cuidado, Sentinela, Ethan avisou, enquanto puxava Nessa de volta. Não era sempre que eu descaradamente começava uma briga. Por outro lado...

Nós definimos limites agora do nosso jeito, eu disse a ele, *ou nós esperamos eles atacarem. Eu gosto mais da minha primeira opção.*

E eu não estava disposta a arriscar Ethan em um ataque surpresa. Ou a porcaria que eu ouviria de Luc, o capitão dos guardas, se Ethan fosse ferido por um shifter enquanto viaja comigo.

Rowan, sendo relutante em lutar suas próprias batalhas, ou pensando que eu era digna de apenas um servo fez um gesto para o shifter magro. — Niall — ele chamou.

Niall sorriu, andando para a frente.

— Qual arma você irá escolher? — Eu perguntei a ele.

O shifter bufou. — Qualquer brinquedo que você quiser.

Sim, ele era um shifter, com mais magia do que eu poderia acumular em uma eternidade. E sim, mesmo que ele era magro, ele tinha, pelo menos, 30 kg a mais que eu. Mas ele também era arrogante. Eu estava bem treinada, e eu deveria estar relaxando com um hambúrguer de bisão e um livro; mas, estava aqui fora e isso apenas me deixa puta.

Os shifters se moveram para nos dar espaço, eu tardiamente considerei o fato de que eu não estava exatamente vestida para uma luta e usando sapatilhas. Mas era tarde demais para se preocupar com isso agora.

Niall me rodeou, lançando a cabeça para o lado para manter o cabelo desgrenhado longe de seus olhos. — Vamos, então. — ele disse, me chamando para a frente. — Você tem uma grande espada. Mostre-me como você usa.

— Como quiser. — eu disse doce, e optei pela velocidade e simplicidade. Meu primeiro ataque fez contato imediato, derramando sangue em seu braço. O ar floresceu com um tempero picante. Lamentei que eu não tinha comido no avião, porque o cheiro e a promessa da magia era quase intoxicante.

Niall gritou, mais com o insulto do que a dor, e lançou na minha direção. Eu usei a espinha do katana para bloquear um soco que ele destinou a minha cara. Mas ele era forte, e eu quase bati meus joelhos com o esforço de segurá-lo de volta.

Eu deixei escapar um suspiro, juntei a minha força para empurrar a katana de volta contra ele como uma alavanca, tentando reverter as nossas posições. E quando ele decidiu se mover e sinalizou o movimento, eu usei a espada como uma alavanca em seu braço e girei com apenas tempo suficiente para bloquear seu chute. Ainda assim, a força dele estremeceu através de mim como uma explosão.

Não que um pouco de dor ia me parar. Chutei duas vezes, dois chutes rápidos para o seu lado, que o fez cambalear afastado com os dentes cerrados. Ele balançou

para trás com um cotovelo, e eu abaixei rapidamente por baixo, passando a katana na horizontal e ensopando seu abdômen com sangue.

Ele soltou um grito a plenos pulmões, olhos nadando com fúria e dor, o aroma brilhante de sangue piscando no ar novamente. O braço de Niall estava fora e movendo-se antes que eu tivesse tempo de reagir, o dorso da mão batendo com força na minha bochecha. Eu voei para trás a partir do impacto, bati no chão cinco pés de distância com uma pancada, com força suficiente para empurrar o ar dos meus pulmões. O pânico apertou meu peito enquanto eu lutava para sugar o ar novamente.

Sentinela. Havia medo na voz de Ethan.

Eu estou bem, eu disse a ele, feliz por não ter que usar a preciosa respiração para isso. *Fique com Nessa.*

Minha respiração aliviou, mas a dor preencheu o vazio deixado pelo pânico. Minha bochecha cantou com ele, pulsando forte o suficiente para abafar qualquer outra sensação e sentimento... exceto para a corrida gloriosa de fúria. Eu virei para trás, saltei para os meus pés, dor pulsando com cada batida do coração, e olhei para Niall.

Ele queria uma luta? *Ótimo.* Ele teria uma, e desta vez, eu não iria segurar meus socos. Eu empurrei para baixo a dor e chutei a katana no ar, pegando na descida. Eu não parei para deixá-lo recuperar o atraso, mas cortei na diagonal, em seguida, novamente, empurrando-o para trás enquanto ele se esquivou dos golpes. Ele bateu no cascalho, tropeçou. Eu balancei a espada novamente e cortei seu braço, jorrando sangue e perfumando o ar.

Três acertos pensei e você está fora.

Ele olhou para mim, sangue de seu braço ferido escorrendo para o chão. E em seus olhos, a energia e o poder de shifters, sua conexão metafísica sobre as terras que percorriam. Picos das montanhas recortadas. Córregos. Densas florestas que cheiravam a sujeira e resina. Shifters faziam parte de um mundo que eu não podia entrar, jamais entenderia, a sua ligação tão fundamental como o próprio nascer do sol.

E combinados com este propósito, igualmente forte, era a crença inabalável de Niall que Nessa tinha assassinado seu marido.

O som de uma sirene zunindo quebrou o feitiço entre nós, um carro que se aproximou da direção do aeroporto. Niall passou a mão através de um corte no braço, então manchas do sangue através de sua camiseta como um distintivo de honra, ou um sinal de vitória.

— Saia. — Rowan disse, e os McKenzies rebocaram sua bunda para o caminhão estacionado perto do de Ethan. Era gigante e branco, com uma cabine estendida e pneus enormes.

Foi a primeira vez que eu tinha notado. E embora não foi lisonjeiro para a minha sensibilidade de vampiros, era também a primeira vez que percebi que havia alguém observando. Uma jovem mulher, talvez dezenove ou vinte anos, sentada no banco do passageiro da frente, um braço pela janela aberta, olhando para nós. Seu rosto era magro, com o cabelo multicolorido. Os Shifters eram um grupo relativamente patriarcal, por isso não era incomum que os homens fariam a luta enquanto ela observava do veículo. Mas sua expressão era tão irritada e feroz como os outros.

— Cormac. — Rowan gritou, chamando minha atenção de volta para os shifters que ficaram para trás.

Magia vibrou, quando o Cormac tirou uma arma na parte de trás de sua calça jeans.

Eu não pensei, mas reagi, correndo de volta para a varanda e garantindo que Ethan e Nessa estavam fora do caminho. Os tiros não foram destinadas a mim, mas para a nossa fuga. Quatro tiros encheu o ar quando ele perfurou os pneus do Explosão Laranja, assobiando ar com raiva dos buracos.

— No caso de você decidir sair antes de eu terminar com você. — disse Rowan. Eles subiram no caminhão e acelerou a estrada na outra direção.

Você está bem? Ethan perguntou.

Voltei a olhar para ele. *Estou bem.*

Ele assentiu. *Você não é especialmente boa em fazer novos amigos.*

Não havia uma chance no inferno que seriam amigos de vampiros como nós.

E, no entanto, você teve um momento, disse Ethan. *Magia Shifter?*

Sim. Um lembrete de quem eles são, e o que somos. E, pelo menos por Niall, que tem a confiança absoluta que Nessa matou seu marido. Ele está convencido de que está certo.

Você já conheceu shifter que não? Ethan perguntou.

— Isso é contra o que estamos lutando — disse Nessa, cansada. — O ódio.

— Estamos vendo. — disse Ethan, devolvendo minha bainha.

— Quem era a mulher no caminhão?

— Darla. Ela é irmã de Niall.

Quando eu balancei a cabeça, o cruzador branco com um selo azul e amarelo na porta, parou na calçada. Um homem em um uniforme cinza saiu, olhou para a nuvem de poeira que pairava no ar. Imaginei que esse era Tom McKenzie, o xerife. Enquanto ele poderia ter compartilhado um nome com os shifters, ele era decididamente humano. Eu encontrei-me grata por isso, e confusa.

Ele caminhou em direção a nós, com as mãos no cinto preto na cintura. Eu não tinha certeza se ele tomou a posição por hábito ou para lembrar as pessoas do poder que ele literalmente exercia.

— Isso foi Rowan? — Ele perguntou, apontando para a estrada.

Nessa assentiu.

— Todo mundo está bem aqui? — Ele olhou para o meu rosto, olhou para o que parecia inchaço. — Eu ouvi os tiros.

— O carro sofreu o pior — disse Ethan. — Houve uma briga, mas eles nos deixaram quando ouviram a sirene. Sou Ethan Sullivan da Casa Cadogan. Minha Sentinela, Merit. Você é o Sheriff McKenzie?

— Eu sou. — Ele nos examinou, em seguida, voltou seu olhar mais atento para Nessa. — Você desapareceu.

— Eu comecei a andar, terminei aqui. Liguei para Vincent. Ele estava indo deixá-lo saber onde eu estava.

— Ele fez, e eu encontrei você. Nós precisamos conversar.

Nessa balançou a cabeça e pareceu de repente exausta pela lembrança de sua perda. — Vamos para dentro, e eu vou te dizer o que aconteceu.

CAPÍTULO 03



— Eu estava na cidade. — Nessa começou, sentada na beira do sofá de couro pesado, seus pés pressionados juntos no chão, com as mãos entre os joelhos. — Eu fui para o mercado.

— Dunleavy? — Perguntou Tom. Ele estava perto da lareira, um braço apoiado sobre a lareira, mas seus olhos em Nessa.

Nessa assentiu. — Taran queria bife, e não tínhamos nada em casa. Eu comprei o necessário, voltei para casa, guardei as compras. Eu chamei o nome dele, mas ele não respondeu. Achei que ele estava envolvido em um projeto.

— Projeto? — Perguntou Ethan.

— Ele é um professor. *Era*. — disse ela, apertando os olhos fechados, liberando lágrimas. — *Era* professor na Eastern Colorado Tech. Ele ensinava história, dava aulas à noite, e estudava a exploração da cartografia, história natural, as sociedades nativas americanas. Ele estava trabalhando em um livro.

Ela limpou a garganta. — Eu pensei que ele não tivesse me ouvido, então eu entrei na sala de estar. Foi quando eu o encontrei. Eu pensei... — ela olhou para Tom. — Por um momento, antes que eu visse o sangue, pensei que ele tinha tropeçado, que ele tinha acabado de cair e estava prestes a levantar, mas não o fez. Ele não fez. — Ela pressionou os dedos para seus olhos.

— Você o tocou? — Perguntou Tom.

— Eu balancei ele, eu acho. Eu disse a ele para acordar. Mas ele se foi. Seu corpo... — Ela olhou para nós. — Shifters são quentes. Tão quentes. Mas ele estava frio. Frio como nós somos.

— Como ele morreu? — Ethan calmamente perguntou, mudando seu olhar para Tom.

— O médico legista ainda está procurando, mas parece ser trauma. — disse Tom. — Ele foi atingido na cabeça. Não encontramos a arma ainda.

— E sobre a casa? — Perguntei. — Qualquer coisa perturbada? Qualquer coisa fora de lugar?

As sobrancelhas de Tom ergueu com surpresa com a pergunta.

— Nós ajudamos o escritório do Departamento de Polícia de Chicago e o Provedor de Justiça com as investigações, algumas vezes. — eu expliquei.

— O avô dela é o Provedor de Justiça. — acrescentou Ethan.

Isso pareceu impressionar o xerife. — Não diga. Já ouvi falar sobre seu escritório na comunidade de aplicação da lei, estamos aprendendo a lidar com os problemas sobrenaturais.

— E para responder sua pergunta, não. Não notei nada fora do lugar, pelo menos, nada óbvio. — Ele olhou para Nessa. — Quando tiver terminado, pode ser uma boa ideia você dar uma olhada ao redor. Ver se alguma coisa parece fora do lugar para você.

Nessa assentiu. — Eu não vejo algum problema entre nós. Certamente não que mataria por isso.

Tom assentiu. — Basta pensar nisso. Qualquer outra coisa incomum ultimamente? Qualquer problema com Taran na escola ou em casa?

Ela balançou a cabeça. — Não. Nada. Foi um inverno muito tranquila. Nós estávamos gratos.

— Um inverno tranquilo? — Perguntou Ethan.

— A disputa. — disse Nessa. — Como eu disse, eu pensei que tinha acabado. Não houve um incidente, em mais de um ano.

— Mais perto de dois, eu acho. — disse Tom, e Nessa assentiu.

— E antes disso, quantas vezes foram os conflitos? — Perguntou Ethan.

Tom suspirou profundamente, coçou a cabeça. — Depende do que eles estão reagindo. Ambos os lados desfrutam do confronto de forma igual. Mas eles poderiam fazer isto de maneiras diferentes. Os McKenzies estão mais na frente; os vampiros são mais sutis. — A partir de seu tom, ficou claro que ele não considerou um elogio. — Poderia haver dias entre greves. Semanas. Meses. Temperamentos estão muitas vezes elevados e deslizos são tomados de forma muito pessoal.

— Você é um McKenzie, certo? — Disse Ethan.

Tom sorriu levemente. — Filiado. Eu fui adotado na família, cresci com esta geração, mas do lado de fora.

— Eles não têm escrúpulos em trazer um ser humano na família? — Perguntei.

— Os seres humanos não são vampiros. — disse Tom, — E eles definitivamente não são Marchands.

— Ao contrário de mim, — Nessa disse calmamente.

— Conte-me sobre o último incidente. — disse Ethan.

Nessa assentiu. — Foi em Outubro ou Novembro, no ano retrasado. Nós acordamos e encontramos sangue pintado através da porta.

Ethan franziu a testa, olhou entre eles. — Eu não estou familiarizado com o simbolismo. Isso significa alguma coisa aqui?

— É um insulto para Taran. — disse ela. — Uma acusação de que ele tinha deixado seu sangue, que ele tinha desistido de sua verdadeira natureza por mim. Mas Taran falou com Rowan, e não havia nada desde então.

— Porque Rowan era o autor do crime? — Perguntei.

— Nós não sabemos. — disse Nessa.

— Provavelmente porque Rowan é o líder da família. — disse Tom.

— Ele não é muito velho para ser um líder. — observou Ethan.

— Não, ele não é.— disse Tom. — Essa é a natureza de uma guerra. A velha guarda é retirada, deixando as crianças relativamente falando no comando.

— Você é o xerife. — disse Ethan, seu tom menos de sutil. — Não é o seu trabalho manter a paz?

Os olhos de Tom endureceram. — Eu não sei como as coisas funcionam em Chicago, Sr. Sullivan, mas eu sou o único ser humano abrangendo duas comunidades sobrenaturais que estiveram em guerra há mais de cem anos. Se a paz fosse fácil de encontrar, o resto do mundo seria um lugar muito diferente. Sobrenaturais não se importam muito com prisões e políticos na sede do conselho, que está a milhas daqui, não se importam muito sobre uma disputa entre espécies que mantêm, como eles já me disseram antes, os rebanhos diluídos.

— Em outras palavras não tem havido morte de humanos — Ethan concluiu, — de modo que os seres humanos não estão interessados em ajudar a resolver as coisas.

Tom assentiu. — Isso estaria preciso.

Eu entendia vingança. Mas tudo parecia tão desnecessário. — Por que não sair?

Tom olhou para mim. — Porque eles são teimosos. Porque eles têm conexões com a terra. Porque eles criaram famílias aqui e eles sabem que o mundo está ficando menor, em parte por causa do que aconteceu em Chicago. — Houve uma mordida em sua referência ao fato de que Chicago, através de uma outra Casa, tinha sido o primeiro lugar que os vampiros tinham saído do armário.

— Isso nos coloca aqui, de frente para o outro lado, praticamente sem restrições.

— Pelo menos até matarmos uns aos outros. — disse Nessa.

— Um pensamento terrível. — disse Ethan, e havia uma borda em sua voz que Nessa tinha detectado. Ela olhou para ele.

— Sinto muito. — disse ela. — Tem sido um longo tempo desde o último ataque. Eu pensei que, após a última conversa de Taran com Rowan, que finalmente estava acabado, finalmente iríamos avançar. Que haveria paz aqui para todos nós, e nós poderíamos conseguir viver. Mas parece que a violência, o ódio, é inevitável. Eu sinto muito por trazer vocês para isso. — Ela olhou para suas mãos novamente, a dor em seus ombros. — Eu sinto muito.

Ethan colocou uma mão sobre a de Nessa. — Nós estamos aqui agora, e nós vamos fazer o que pudermos.

— Vamos voltar para Taran. — disse Tom. — Você ou Taran já teve algum visitante incomum? Qualquer coisa de outra forma incomum aconteceu?

Nessa abanou a cabeça. — Nada me envolvendo. Como eu disse, ele foi absorvido pelo seu trabalho como de costume. Se ele tivesse estado em qualquer problema ou teve algum problema, ele não mencionou isso para mim.

— E quanto a sua família?

— Eu não falei com eles. — disse ela. — Mas eles ainda estavam perto. Taran era o arquivista oficial da família, para que eles falassem sobre a história da família, o vale. — Ela suspirou profundamente, olhou para Tom. — O que acontece depois?

Tom não puxou saco. — Taran será movido para o necrotério do condado e faremos a autópsia. A casa está sendo fotografada. Uma vez feito isso, vamos liberar a casa e você pode ir para casa. Ou, se preferir, você pode ir para os Marchands. Vincent mencionou que ele quer vê-lo e esses vampiros. Na verdade, eles estão provavelmente esperando eu sair. Eu posso fazer isso; muito mais a fazer ainda esta noite. — Tom empurrado para fora da lareira, ajustou seu cinto, olhou para Nessa. — Você precisa ficar disponível.

— Eu vou.

— Não pode haver represálias. — disse ele, olhando-nos. — Nós tivemos paz durante tanto tempo. Devemos mantê-lo assim.

Ela assentiu com a cabeça. — Eu vou dizer a Vincent. Eu acho que ele quer a paz, de verdade.

Tom não parecia totalmente convencido por isso, mas ele balançou a cabeça, caminhou até a porta.

Vi pela janela da frente quando Tom subiu e partiu na direção que os McKenzies tinham tomado anteriormente. Imaginei que seria a sua vez para perguntas.

Os shifters tinha ido, mas o desfile de seres sobrenaturais continuou.

— Eles estão aqui. — disse Nessa momentos depois na sala de estar. Eu estava preparada para argumentar; Eu estava em pé na frente da janela, teria visto se tivéssemos visitantes.

Olhei para trás para olhar, para firmar minha posição, e os encontrei de pé na varanda.

Três vampiros, dois homens e uma mulher, todos em roupas simples feitos de tecidos de linho. Um na frente, que se parecia com um homem em seus quarenta e poucos anos, tinha cabelos pretos e lisos que caía sobre os ombros e rosto estreito. Ele era alto e magro, e suas mãos estavam cruzadas nas costas. Sua expressão era de paciência absoluta, como se soubesse que estaríamos indo para fora se nos fosse dada a oportunidade.

Nessa correu para a porta e a abriu. — Vincent! — Ela disse com um zumbido de alívio, caindo nos braços do homem de cabelos escuros. — Graças a Deus, Vincent.

Vincent passou a mão pelo cabelo. — Eu sinto muito pela sua perda, Nessa. Sinto muito. Taran era um bom homem. — Ele se afastou, olhou-a. — Você está bem? Você não foi prejudicada?

Nessa sacudiu a cabeça, e enxugou os olhos. — Estou bem.

— Estou tão feliz. — A afeição nos olhos de Vincent era óbvia e profundo, mas Nessa parecia alheio a ele. Nessa cumprimentou os outros dois vampiros, e afastou-se para que ela pudesse trazê-los para dentro da casa.

— Vincent, Astrid, Cyril, — disse ela, apontando para eles, por sua vez. Cyril tinha cabelo curto tão claro que era quase translúcido, seus olhos de um azul aguado contra a pele igualmente pálida. Astrid era alta, de pele escura, olhos igualmente escuros e cabelo cortado rente.

— Este é Ethan Sullivan, Mestre da Casa Cadogan e membro da Assembleia, e sua Sentinela, Merit.

Os vampiros caíram de repente e imediatamente a seus joelhos.

— Sire — disseram a Ethan em uníssono, com a gravidade óbvia. Os McKenzies podem não ter se importado muito com a autoridade do Bando, mas esses vampiros estavam prontos e dispostos a aceitar Ethan como seu líder. Eles aparentemente tinham ouvido falar sobre o Teste.

Ethan parecia ao mesmo tempo surpreso e um pouco duvidoso. Mas quando ele falou, sua voz era a pura gentileza. — Por favor, se levantem.

Os vampiros subiram de volta aos seus pés, e Vincent deu um passo adiante.

— Sinto muito que você veio até aqui para descansar, apenas para ser envolvido em nossa luta.

— Vincent é o fundador do Clã Marchand. — disse Nessa.

Vincent assentiu, fez um gesto para a sala de estar. — Talvez possamos sentar?

— Claro. — disse Nessa, decepcionada, como se ela tivesse violado algum ponto de etiqueta do Clã. Nós a seguimos para a sala e nos sentamos, eu e Ethan em um sofá, Nessa e Vincent em outro, Cyril no chão aos pés de Vincent. Eu não tinha certeza se isso era um lugar de honra aos pés do maioral do clã.

— Eu vou preparar o sangue. — disse Astrid e, ao sinal de aprovação de Nessa, desapareceu na cozinha.

— Existem algum desenvolvimento sobre o caso? — Vincent perguntou, seu olhar errante sobre Nessa.

Ela balançou a cabeça. — Eles estão levando Taran para o necrotério para autópsia. Eles estão terminando em casa, mas... — Ela olhou para Vincent. — Eu não quero voltar para lá. Agora não.

Vincent sorriu, afagou-lhe a mão. — Você vai voltar para casa com a gente.

— Eu não quero atrapa... — ela começou, mas ele a cortou com um aceno.

— Absurdo. É sua casa. Ou era, de qualquer maneira.

Nessa balançou a cabeça, os olhos se enchendo de novo, e deixou Vincent envolvê-la em seus braços novamente. Ela se aninhou contra ele e chorou em silêncio.

— Você tem uma casa? — Perguntou Ethan.

O sorriso de Vincent foi rápido. — Não à escala ou escopo de uma Casa oficial. — disse ele. — Nada como sua Cadogan. Mas é nossa, e estamos em casa.

Astrid voltou para a sala com uma bandeja de seis copos de sangue. Ela caminhou para Ethan em primeiro lugar, se inclinou para abaixar a bandeja para ele. — Sire.

Ethan pegou um copo, olhou para Vincent.

— É termo tradicional de bem-vindo para o nosso clã, — ele disse, apontando para Ethan para beber.

Eu podia ver que Ethan estava hesitante em beber alguma coisa preparada a mando de um homem que não tinha certeza se era um amigo ou inimigo, mas ele conhecia a diplomacia e tomou um gole antes de levantar a taça. — Obrigado.

— Obrigado — disse Vincent. — E bem-vindo. Não é sempre que encontramos um Mestre em nosso meio. — Ele pegou o copo que Astrid ofereceu, e os copos restantes foram distribuídos para o resto de nós.

Tomei um pequeno gole, sabor canela e cravo. O tipo de sangue que um vampiro poderia beber quente em uma longa e fria noite de inverno nas montanhas. Estranho, mas reconfortante.

Ethan esvaziou o copo. — Muito bom. — disse ele. — Conte-nos sobre a disputa.

— Deixe-me começar pelo começo. — disse Vincent. — O início do Clã. Eu nasci em Vienne, na França. Feito em Savannah em 1779.

— Durante a Guerra Revolucionária, — eu notei, e Vincent assentiu.

— Eu vivi em Savannah por muitos anos. Com o passar do tempo fui para Atlanta. É aí que eu conheci Christopher. Ele tinha vindo para a América depois de perder sua família na Europa, tornou-se um vampiro em um encontro muito violento. Ele estava procurando por algo mais, algo novo. Eu me senti da mesma forma. Três das Casas americanas tinham sido criadas até então, mas eu não me senti bem em qualquer uma delas.

Cadogan foi a quarta Casa, estabelecida em 1883. Assim, ele ainda não tinha tido a oportunidade de ficar impressionado com a gente.

— Nós conhecemos um terceiro, Bernard. Quando Atlanta caiu, decidimos viajar para o oeste, para procurar novos começos.

— E vocês se estabeleceram aqui no vale. — disse Ethan.

Vincent balançou a cabeça, levantou o olhar para as janelas atrás de nós e para o vale além dela. — Havia paradas ao longo do caminho, um verão aqui, um inverno lá. Mas quando chegamos ao vale, com toda a sua beleza, sabíamos que tínhamos encontrado a nossa casa. Estava vazio de pessoas. Viagens no inverno são difíceis. — explicou. — Há uma estreita passagem através das montanhas, e é traiçoeira suficiente, mesmo na melhor das condições meteorológicas. Nós vivemos em paz, calmo, por muitos anos.

Ele ainda não tinha mencionado os shifters que tinha presumivelmente também residido aqui, mas eu optei por deixá-lo contar a história em seu próprio ritmo.

— Com o passar do tempo, demos abrigo a um viajante ou dois, e a notícia se espalhou. Vampiros que, como nós, estavam à procura de algo diferente, para um tipo diferente de solidariedade, vieram para cá. Eles procuraram liberdade sobre lealdade. — disse ele, com um olhar para Ethan. Uma menor e sutil ironia, eu supunha, ante a lealdade esperada a Cadogan dos noviciados.

— Eles se juntaram a nós, tomamos nosso nome como membros da Clã Marchand. E assim nós crescemos.

— Entendemos que não há outros seres humanos aqui — Ethan apontou. — Ou pelo menos além do Sheriff McKenzie. Vocês bebem uns dos outros?

— Até que o sangue ensacado se tornou disponível. — disse Vincent. — E, em seguida, transferimos para ele. Temos que comprar lotes em massa e mantê-los para o inverno. Se a época se estendesse por muito tempo, nós completávamos com sangue de vampiro.

— E os shifters? — Perguntou Ethan.

— Eles estavam aqui no momento da nossa chegada. Eles viviam primitivamente. — Seus lábios se curvaram em desgosto ao termo. Pela sua roupa, parecia que Vincent tinha preferido um tipo simples de vida. Mas havia limites até mesmo para ele.

— Primitivamente?

— Eles são leões da montanha. — disse ele com claro desdém. — Não havia domicílios permanentes, pelo menos da variedade que os seres humanos ou vampiros reconheceria. Não tivemos problemas com eles em primeiro lugar. Mais tarde soubemos que eles se opuseram a nossa ligação e o nosso crescimento como uma comunidade.

— Como? — Perguntou Ethan.

— Eles mataram o gado. Destruíram cercas. Arrancaram persianas de nossas casas para deixar entrar a luz enquanto dormíamos.

— E essa foi a origem da rixa? — Perguntei.

— O amor foi a origem da disputa. — disse ele. — Fiona McKenzie e Christopher Marchand, um dos meus companheiros. Ela, um shifter. Ele, um vampiro. Eles se conheceram em suas ‘formas humanas,’ eu suponho que você poderia dizer, em 1891. E contra os desejos de sua respectiva família e do clã, eles se apaixonaram.

— Você se opôs? — Perguntei.

— Eu não estava confortável com seu relacionamento, mas não me opus formalmente. Bernard era muito mais conservador do que eu. Ele se opôs, e vigorosamente. Ele disse a Christopher que seria retirado do clã se ele prosseguisse. O Clã é uma democracia, e Bernard ganhou o voto.

Isso era uma justificativa tão fácil para o preconceito que eu já tinha ouvido.

— E assim, Christopher foi expulso. Você pode saber que há muitas ‘cidades fantasmas’ nesta parte do país. Aldeias foram estabelecidas para a mineração, para estradas de ferro, e abandonadas quando veias secaram ou não se concretizaram. Muitos estavam otimistas nesse tempo. Fiona e Christopher encontraram um tal lugar, não muito longe de Elk Valley. Quatro edifícios, abandonados apenas alguns anos antes. Eles o chamaram de High Creek e fizeram sua casa lá.

Os olhos de Vincent escureceram. — Eles estavam felizes, tanto quanto eu estava consciente, embora nem o clã nem a família cedeu. Sua porta estava pintada com sangue.

— Como eles fizeram para nós, — disse Nessa, olhando para Ethan.

Ele assentiu. — E algo aconteceu com esse casal?

— Uma noite, Christopher acordou e não encontrou Fiona. Juntamente com alguns dos seus pertences e um broche que Christopher tinha trazido do outro lado do oceano. Folhas de louro em torno de uma pomba, tudo isso processado em pedras preciosas. Ele tinha planejado dar a Fiona, mas nenhum traço dela foi encontrado. Alguns suspeitavam que ela tinha sido plantada pelos McKenzies o tempo todo, só queriam o broche como pagamento pelo nosso uso do vale. Outros

sugeriram que Christopher tinha se tornado violento, que ela tinha tentado escapar, tinha tomado o broche para financiar suas viagens.

— E alguns acreditam que ela nunca deixou o vale, — Nessa tranquilamente adicionou, e o ar no quarto parecia relaxar. — Que ela foi morta por Christopher, por outro McKenzie, por outro Marchand e nunca foi encontrada.

— Christopher ficou louco de dor, insistiu que ele nunca a tinha prejudicado e que ela não teria o deixado de bom grado. — Vincent engoliu em seco. — Ele procurou por ela durante três semanas seguidas, teve de ser arrastado para dentro nas madrugadas em duas ocasiões porque ele pensou que estava perto de encontrá-la. Ele estava convencido de que ela estava lá fora, esperando por ele. Mas ele nunca a encontrou. Uma noite, vinte e dois dias depois que ela sumiu, ele encontrou o sol.

Ele se matou, Vincent queria dizer. Em luto por sua amante.

— Desde então, houve represálias? — Perguntou Ethan.

— Ao longo das décadas seguintes. Bernard culpou os McKenzies pela morte de Christopher. Ele confrontou o pai de Fiona, e ambos morreram na batalha que se seguiu. Há já onze mortes desde então. Dois ataques, uma centena de atos menores.

Vincent pigarreou. — Eventos como o que você viu aqui, tenho certeza de que gostaria de voltar para Chicago.

O tom de Vincent foi casual, mas não havia calor por trás das palavras. Porque ele queria Nessa para si mesmo, ou porque ele não queria que a gente bisbilhotando na morte do seu marido? De qualquer maneira, Ethan não estava comprando.

— Nessa nos pediu para ajudá-la. — Ethan disse uniformemente. — Como somos amigos, nós concordamos em fazê-lo.

Vincent não respondeu, pelo menos não em voz alta, mas desviou o olhar para Nessa, que assentiu.

— Eu valorizo sua ajuda, a sua perspectiva. Talvez ele possa ajudar a trazer este capítulo feio ao fim.

— Não cabe ao Marchands trazer a paz, — disse Vincent, um frisson de temperamento colorindo suas bochechas. — Nós não começamos a luta.

Ethan cruzou uma perna sobre a outra, o movimento aparentemente casual, mas sinalizando a sua frustração, o aumento do seu próprio temperamento. — Você começou o clã com três, Você, Christopher e Bernard. Você mantém o primeiro insulto, foi um shifter contra um vampiro. Isso significa que você, ou seu povo, contra-atacou. Agora, você é o único fundador vivo, e ainda a disputa continuou.

— Christopher e Bernard foram vítimas de uma guerra. Eu não luto as batalhas, mas não posso controlar aqueles que o fazem. Nós somos uma democracia. — disse ele, usando a palavra como um escudo para a sua própria inércia.

— E toda a democracia tem seus salvadores e demagogos.

— Você está me acusando de alguma coisa?

— É o seu clã. — disse Ethan. — Eu suspeito que está em seu poder parar esta guerra, para trazer a paz de vez. Você tem desencorajado as hostilidades? As retaliações?

— Ethan. — Nessa disse bruscamente, a reprovação em sua voz. Mas isso não pareceu afetar Ethan. E não acalmou Vincent.

— Eu não ligo para suas insinuações. — disse ele, levantando-se, de repente, mágica irritada enchendo a sala. — O amanhecer está chegando.

— Vincent — Nessa disse, mas ele balançou a cabeça.

— Eu não acredito que ele é necessário. Mas se você está comprometida com a sua estadia, iremos enviar companheiros humanos para mantê-los seguros durante o dia.

As sobrancelhas de Ethan se levantaram. — Estamos comprometidos e agradeço a oferta. Mas, como observamos, pensávamos que o Sheriff McKenzie era o único humano no vale.

— Há seres humanos em outras cidades que procuram a associação no Clã. — disse Vincent. — Aqueles que desejam se juntar a nós devem mostrar sua dedicação por um período de serviço. Incluindo serviço de guarda.

— Eu entendo. — Ethan disse, sem rodeios. Ele não expressou suas preocupações psiquicamente ou de outra forma, mas não eram difícil de adivinhar: Aqui, em um vale em Colorado, tínhamos um homem construindo seu próprio reino.

Vincent estendeu a mão para Nessa, que escorregou os dedos no seu.

— Obrigada. — ela disse para Ethan, estendendo a outra mão para ele, e ligando-os juntos, através dela, por um momento. — Nós vamos entrar em contato ao anoitecer.

Ethan assentiu. — Tom queria que você olhasse a casa, ver se alguma coisa estava faltando. Podemos ir com você.

Nessa assentiu, e a comitiva foi até a porta, Vincent e Nessa a frente, Astrid e Cyril, que não tinham falado nem uma única palavra, por trás deles.

Quando chegaram à porta, Vincent olhou para trás. — Tenha cuidado aqui. Há muitos que não são o que parecem.

Com esse pensamento final, Vincent Marchand e o resto de sua tripulação desapareceu na escuridão.

— O que está pensando Sentinela? — Ethan perguntou, quando a porta foi fechada e trancada e o clã estava do outro lado.

— Ele está jogando, tentando manipular. Usou o tom bajulador quando ele pensou que iria funcionar, em seguida, mudou a tática para agressivo. Mas ele exagera em ambos. Ele está ou muito preocupado com o bem-estar de seus vampiros ou excelente em fingir.

Ethan arqueou uma sobrancelha. — Suas habilidades analíticas estão se tornando quase perturbadoramente agudas.

— Sentinela ouve tudo, vê tudo. E agora, eu estou vendo e ouvindo um forte cheiro de culto.

Ethan assentiu. — Um líder de culto, então ele é perigoso. Um guru, talvez, ele não é. Uma personalidade forte, com opiniões igualmente fortes, a quem, neste caso os vampiros gravitam. Nessa, pelo menos durante o tempo que eu a conhecia melhor, estava procurando por algo mais. Ela gostava de viagens, pessoas, experimentar coisas novas. Mas ela parecia, no coração, descontente. Suponho que sua busca a trouxe aqui.

— E para Vincent.

Ele assentiu. — E, contra a vontade de Vincent, para Taran.

— Você acha que ele poderia ter feito isso? Matou Taran, a fim de libertá-la, para reconquistá-la?

— Eu não sei. Conheci muitos como ele na minha vida, aqueles que usam seu carisma para encantar os outros, e aqueles que acreditam que eles têm o direito de ser quem ele quer que seja.

Eu suspeitava que ele estava pensando em Balthasar, o seu criador, mas não queria que ele debruçasse sobre isso. — Eu estou supondo que os outros prováveis candidatos são Rowan e Nessa. Rowan por vingança, Nessa para... bem, quem sabe, mas parece que ela foi a última pessoa a vê-lo vivo. E vou me crivar a isso, Sullivan. — Fiz um gesto para o quarto. — Se Taran estudava história, dando aulas à noite, onde diabos eles recebem todo esse dinheiro? O que ela faz?

— Sua família humana, eu entendo, tinha alguma riqueza há muitos, muitos anos. Ela os deixou quando se tornou um vampiro, mas ainda herdou depois que morreram.

— E o resto é o milagre do juro composto. — Eu suspirei, olhou para ele. — Então o que fazemos agora?

Ele sorriu. — Chamamos nossos amigos e fazemos nossas investigações.

Isso, eu poderia fazer. — Você chama Gabriel. Vou chamar o bibliotecário.

As sobrancelhas de Ethan levantaram. — Serio?

— A disputa. — eu disse. — Parece que ambos os lados têm mantido um ponto por um tempo muito longo. Eu gostaria de saber, antes de Taran McKenzie, quem estava à frente.

O sorriso de Ethan era grande, rápido, e muito satisfeito. — Essa é minha garota. Vá encontrar seus fatos, Sentinela. Vou encontrar o shifter. E de preferência um aliado.

O quarto, como o resto da casa, era decorado com um olho para a natureza. Havia uma lareira coberta de rocha em uma extremidade do quarto, uma grande cama em frente a ela com um banco com pernas de bronze no final. Um lustre de chifres retorcidos pendurados no teto abobadado, e um banco de janelas fornecia uma vista ao vale além. Lamentei que eu não poderia passar as noites em lazer.

A paisagem, uma pintura a óleo que crepitava com a idade, pendurada em um quadro dourado na parede em frente a porta. Os verdes e azuis do céu e vale eram iluminadas por raios de sol que pareciam brilhar. Tanta beleza, aparentemente desperdiçada em famílias que tiveram o desejo de vingança.

Quando eu já tinha tomado banho no banheiro anexo, também enorme, e dominado por madeira e granito, eu coloquei o pijama, sentei de pernas cruzadas na cama e liguei para o bibliotecário.

Eu tinha sido uma estudante de graduação em literatura Inglesa antes de me tornar um vampiro, e eu tinha lamentado, por um longo tempo, que Ethan havia me chamado para Sentinela da casa, uma vez que a biblioteca era incrivelmente sexy. Mas eu acabei por ser uma boa Sentinela, e a biblioteca já tinha um comandante muito competente e rabugento.

— Marchand e McKenzie? — Ele perguntou, enquanto eu ouvia o roçar de virar as páginas ecoando no fundo.

— Isso. Vampiros e shifters, respectivamente. Elk Valley, Colorado.

— Estou verificando o índice.

— De que? O Grande Livro de Feudos Sobrenaturais?

— Não. Não temos esse. A assinatura de atualização é muito cara. Nós temos o Diretório de Notáveis Feudos norte-americanos.

Como ele parecia totalmente sério e raramente era de outra forma, eu continuei deixando a questão para mim mesma. A saber: Como uma indústria de diretórios sabia sobre contendidas sobrenaturais?

— Tudo bem, eu achei. Fiona McKenzie e Christopher Marchand. Ela desapareceu, e ele... Oh. Droga — disse ele, provavelmente, lendo sobre o fim bastante deprimente de Christopher.

— Sim — eu disse. — Bernard Marchand, o próximo morto. Ele foi um dos fundadores do clã...

— Corrigindo. E havia outros. Muitos outros. Algumas prisões, alguns desaparecimentos, alguns furtos.

Eu pensei sobre o objeto em falta que Vincent tinha mencionado. — Será que menciona o broche?

Uma pausa, então. — Só que os vampiros acreditavam que Fiona o pegou. Mas nenhum sinal disso, ou dela, jamais foi encontrado.

— Então, onde diabos foi isso? — Eu perguntei em voz alta. Teria alguém a matado e roubado? Ou tinha Fiona simplesmente tomado o broche e começado tudo de novo em outro lugar?

— Eu não tenho a menor ideia. Mas nós estamos uma hora antes de você, e o amanhecer está a caminho. Você quer que eu lhe envie o resto do arquivo?

— Sim, isso seria ótimo. — Optando por ser proativa, acrescentei: — E se você tiver algum tipo de relatório geral sobre o Clã Marchand, você poderia me enviar também? Ethan está curioso.

— Facilmente feito — disse ele.

Graças a Deus que algo era.

Enquanto esperava Ethan voltar, eu limpei cuidadosamente a lâmina da minha katana com óleo e papel de arroz, assim como tinha sido ensinada. Eu tinha acabado de embainhar quando Ethan entrou no quarto. Ele fechou a porta do quarto atrás dele, trancou-a. Apenas no caso.

— Gabriel? — Perguntei.

— A caminho — disse ele, tirando os sapatos e puxando a camisa sobre a cabeça.

— O que ele tem a dizer?

— Principalmente ficou grunhindo. — Ethan desabotoou as calças e colocou-as no banco no final da cama. — Ele estava descontente com a interrupção, principalmente com a razão para isso. Eles devem estar aqui até amanhã ao anoitecer. E, enquanto isso, a guarda temporária humana está lá fora.

— Em roupas estranhas dos Clã?

— Na verdade, sim, — Ethan disse com um aceno de cabeça. — Eles ainda não podem ser um membro, mas estão usando a roupa.

Cortinas automáticas começaram a descer sobre as janelas, um sinal de que o amanhecer estava a caminho, Ethan caminhou até a pintura e deixou seus olhos vaguar sobre ela.

— É um belo trabalho, — disse ele.

— É um belo vale. Não inteiramente pacífico, e não vi nenhum alce, mas um espetáculo.

Meu telefone sinalizou uma nova mensagem. Olhei para baixo, encontrei um trecho sobre o Clã Marchand do bibliotecário. Desde que tinha evidentemente trabalhado para ficar acordado depois do amanhecer para obter as informações para nós, um possível, mas não inteiramente agradável compromisso para um vampiro, dei-lhe créditos por sua dedicação.

— Dossiê sobre o Clã da Casa. — disse a Ethan. — Ele vai me enviar detalhes sobre a disputa amanhã.

Eu fiz uma varredura na tela enquanto Ethan balançou a cabeça e sentou-se ao meu lado.

— O Clã está atualmente não registrado. — eu li. — Eu suponho que há uma referência no registro dos vampiro norte-americanos. Data estimada de estabelecimento é de 1875, que coincide com o que Vincent nos disse. Quinze membros atuais, antes com um máximo de dezenove.

— Não é um reino, então, — Ethan disse, voltando a colocar as costas contra a cabeceira da cama, esticando as pernas em cima do edredom.

— Não é um reino, — eu concordei. — Vincent Marchand está listado como o fundador. O símbolo oficial é uma flor-de-lis. Há alguns muito breves históricos sobre ele, Bernard, Christopher. Nenhuma controversa lá, apenas uma menção da contenda: 'hostilidades possíveis com seres sobrenaturais locais.'

— Isso parece, pelo menos, geralmente preciso. — Ethan disse, — uma subavaliação.

— Junto com o endereço, informações de contato, isso é a essência do arquivo. — Eu ofereci o telefone. — Você quer ler?

Ele balançou sua cabeça. — Eu tive mais do que suficiente do Clã Marchand hoje, Sentinela. Coloque o telefone longe, e vamos ter um momento de paz antes que o sol nos coloque para baixo.

Eu não podia discutir com isso e tinha acabado de desligar a lâmpada quando me encontrei coberta por um vampiro, seu corpo longo e quente e, obviamente, nu.

Eu deslizei minhas mãos em seu cabelo, seda dourada entre os dedos. — Eu acho que você tinha mais roupa a um momento atrás.

Ele arrastou beijos ao longo do meu pescoço, brincou com as presas contra a pele delicada e sensível. — Ficou impressionado com o meu desejo por você, Sentinela.

Eu abri minha boca para protestar, para coincidir sarcasmo com sarcasmo, mas, em seguida, sua mão estava no meu peito, os dedos longos provocando, incitando.

— Ok, — foi tudo o que conseguiu, arqueando em seu toque.

Ethan me despojou das roupas, e então sua boca encontrou a minha, sua língua insistente, exigindo resposta, provocando o meu desejo. E a força de sua excitação entre nós deixou poucas dúvidas sobre a sua própria.

A chama entre nós provocou rapidamente, acelerando nossos batimentos cardíacos, ruborizando nossa pele. Quando ele encontrou no meu centro, som, sabor e sensação fundiram enquanto ele me pediu mais. O fogo floresceu como um inferno, piscando de calor através do meu corpo, e seu nome saiu de meus lábios. *Ethan.*

Ele rosnou com a insistência predatória, peito retumbando acima de mim. — Você é extraordinária. — disse ele, movendo dentro de mim com força e potência, livrando minha mente de pensamento. A sensação era deliciosa, a ausência de medo ou preocupação, era absolutamente gloriosa. Não havia espaço para medo ou inquietação na sedução de Ethan.

O calor começou a se espalhar pelo meu corpo novamente, uma flor que floresce rápido situado na ponta da primavera. Eu puxei sua boca em direção a minha, dentes e língua explorando e incitando. Sua respiração bufando, o movimento de seus quadris, insinuava seu próprio prazer, no controle que ele andava com tanto cuidado.

Ele estava, eu percebi, esperando por mim, me empurrando para encontrar a joia do esquecimento.

Agora. — ele disse, uma palavra que estalou pelo meu corpo como uma ordem. Cavei os dedos nas costas de Ethan quando o prazer brilhou através dos músculos e através da pele aquecida, tremores felizes balançaram meu corpo.

Ethan se esticou, chamou meu nome, o som poderoso e primal me enviando voando novamente. Ele apertou a mão contra meu abdômen como se por toque ele poderia acelerar a vida lá dentro, cumprir sozinho com a força de sua determinação a promessa de Gabriel que teríamos um filho. Por um momento, ficamos assim, com a promessa de um futuro entre nós.

E então Ethan apertou a boca na minha, a respiração ainda irregular. — Isso intensificou rapidamente.

Eu não pude evitar o meu muito indelicado bufar. Vindo de um homem que tendia a comer pizza com um garfo, foi surpreendentemente engraçado. — Sim.

Ele virou-se para a cama e se esticou como um predador saciado, mas com nossos dedos entrelaçados, mantendo a conexão entre nós. E quando o sol rompeu o horizonte, a exaustão envolveu meu corpo como uma colcha. Meus cílios caíram.

— Amanhã. — Ethan murmurou, — vamos caçar um assassino. Mas, por agora, vamos continuar a sermos nós.

Aquelas palavras: ‘Sermos nós’ tinha sido a primeira que Ethan tinha falado comigo. Elas eram muitas vezes as últimas palavras em seus lábios antes que o sol brilhasse no céu, assim como, hoje à noite, elas foram as últimas que ouvi antes de dormir, me reivindicando.

CAPÍTULO 04



— Mmm, — eu disse, de olhos fechados, sorrindo sonolenta, o cheiro de bacon no ar. — Eu escolhi o vampiro certo.

Eu pensei que estava sozinha, que Ethan estava na cozinha preparando o café da manhã. Eu quase pulei quando ouvi sua voz.

— Eu estou bem aqui, Sentinela.

Abri os olhos, o encontrei a alguns passos de distância, puxando um cinto através das calças de brim, ainda sem camisa.

— Bacon? — Era uma pergunta, uma acusação, um desejo.

— Acredito que o Bando está fazendo o café da manhã.

Isso tinha me feito sentar e pegar a roupa para me trocar mais rapidamente do que a maioria das coisas teria.

— Devo ficar insultado que você está tão ansiosa para desfrutar da carne de porco de outro homem?

Eu me inclinei para fora do banheiro, escova de dentes na boca, e sorri. — Ethan Sullivan, você acabou de fazer uma piada?

Ele não tinha, pelo menos, a partir do olhar em seu rosto. Mas eu não estava ameaçada pela possessividade em seus olhos.

Porque era bacon.

— Você é o único homem para mim. — eu assegurei a Ethan quando puxei meus couros e botas, em preparação para uma noite investigativa. Eu esperava, é claro, que eu não iria precisar deles em nosso tempo de ‘férias’, mas eu os embalei apenas no caso. Ainda bem que eu tinha sido um pouco paranoica.

Ele examinou seu telefone enquanto esperava por mim para adicionar os toques finais, olhou para cima com diversão moderada. — Você diz isso, mas está colocando gloss.

— É protetor labial, porque você racha minha boca com seus beijos, senhor. E eu estou tentando representar a Casa Cadogan com classe e charme. — É por isso que tinha um brilho rosa pálido. Ou essa era a minha história, de qualquer maneira.

Ethan bufou, e quando eu coloquei o protetor labial sobre o balcão, ele chicoteou um braço em volta da minha cintura e me puxou em direção a ele. — Use sua classe e charme, Sentinela, e sua espada. Mas não se esqueça que você vai dormir na minha cama, e só na minha cama.

Ele me beijou de novo, tirando o referido protetor labial.

A casa de Nessa tinha se tornado um covil de lobos. Literalmente.

Gabriel não tinha viajado levemente para o Colorado. Havia pelo menos uma dúzia de shifters NAC musculosos em torno da sala de estar, em jaquetas de couro e botas. Alguns deles tinham cervejas orvalhadas em suas mãos; Outras pessoas estavam jogando cartas. Imaginei suas motocicletas cromadas que provavelmente estavam estacionadas em uma fileira arrumada lá fora, ou pelo menos aqueles que tinham estado em um raio de distância.

E o que, eu silenciosamente perguntei a Ethan, Nessa pensa sobre isso?

Eu suspeito que é melhor ela não saber.

Acenei para eles, seguido Ethan para a cozinha, encontramos Gabriel Keene em um banquinho na ilha, garrafa de cerveja na mão. Ele era alto e de ombros largos, como convinha ser o lobo alfa, seu cabelo, não muito diferente de Rowan McKenzie de uma mistura de dourado e castanho. Seus olhos eram puro ouro,

como um uísque muito caro. Ele usava calça jeans e uma camiseta cinza com decote em V, uma bota apoiada no degrau ao lado dele.

Eu não vi seus companheiros habituais, sua esposa, Tanya, e filho, Connor. Mas ele tinha trazido um amigo. O executor do Bando, Damien Garza, estava na frente do fogão, habilmente mexendo uma pequena frigideira, o cheiro de carne flutuando deliciosamente no ar. Damien era alto e magro, com pele bronzeada e olhos escuros, profundos, que pareciam pegar tudo ao redor. Usava o cabelo preto nos ombros, seu rosto com barba por fazer, que acrescentou um apelo perigoso para as maçãs do rosto impecavelmente esculpidos e lábios generosos.

Eu amava Ethan, o desejava acima de todas as outras coisas, mas a masculinidade de Damien era poderosa o suficiente para ter o seu próprio campo gravitacional.

Além disso, para não insistir no ponto, *bacon*.

— Sullivan, — Gabriel disse, apontando para Ethan.

— Keene, — disse Ethan.

Gabe virou seu olhar para mim, estreitando os olhos sobre o hematoma na minha bochecha que tinha suavizado para um pálido amarelo pela cura rápida de vampiro. — Kitten. — Ele tinha começado a me chamar assim como um insulto simulado, e o nome pegou. — Você foi ferida.

— Apenas um arranhão, — eu prometi a ele, pensando, é claro, de Monty Python em um momento de crise. — Eu mal posso sentir isso.

Algo brilhou em seus olhos. — Shifter ou vampiro?

— Shifter. Embora eu o incitei.

Gabe fez um som duvidoso. — Este não é o período de férias que você planejou para a sua Sentinela, Sullivan.

Ethan tirou duas garrafas de sangue da geladeira e abriu as tampas. — Eu tinha outras coisas em mente. Mas mais uma vez, o destino interveio.

— O destino é uma cadela de pedra-fria, — disse Gabriel, movendo o pé e batendo no banco ao lado dele com uma piscadela. Eu não estava prestes a recusar a oferta.

— Eu vejo que você está se sentindo em casa, — disse Ethan, entregando-me uma garrafa.

— Se nós estamos aqui para ajudá-lo, e por extensão aos Marchands, podemos muito bem tirar proveito de sua hospitalidade.

— Posso tirar proveito de alguma hospitalidade? — Perguntei, tomando uma bebida de sangue.

Damien se virou, empurrou uma omelete perfeitamente dobrada em um prato na frente de Gabriel, em seguida, olhou para mim. — Você quer presunto e bacon em sua omelete?

Era a pergunta dos meus sonhos.

— Sim, — eu disse com um sorriso.

Só espero que você responda com a mesma convicção quando eu propor a você, Sentinela. Ethan tinha feito suas intenções bem claro, mesmo se ele não tivesse feito formalmente o pedido.

Eu estendi a mão e acariciei sua mão, sorrindo misteriosamente. *Nós não saberemos até que você pare com a brincadeira e chegue ao ponto, não?*

Eu gostei de seu grunhido responsivo, em seguida, ele virou-se para assistir Damien e o movimento do presunto picado, se deslocando com uma colher ágil e sua faca. Ele virou com tanta proficiência que eu imaginei se Berna, outro shifter que trabalhava em Little Red, o tinha treinado ou vice-versa.

— Você tem habilidades impressionantes, — eu disse.

Ele sorriu quase timidamente. — Eu gosto de cozinhar.

— Eu posso ver isso. Você deve conhecer a cozinheira da Cadogan em algum momento. Margot, ela é bastante agradável.

— Talvez eu faça, — disse ele, mas seu foco era a panela na frente dele.

— Então, — Gabriel disse, puxando a conversa de volta. — Você entrou no meio de uma briga.

— Evidentemente, — disse Ethan. — Você não mencionou isso quando eu lhe disse que estava vindo para cá.

Gabriel tomou um gole, sacudiu a cabeça. — Shifters não enviam newsletters quando brigam com vampiros. O mundo estaria cheio de papel. Estou ciente dos McKenzies, os problemas gostam de encontrá-los. Estou agora sobre a rixa aparente. Onde está Nessa?

— Com a Marchands.

— Ela é confiável?

— Eu acho que sim, — disse Ethan. — O que ela tem a ganhar com a morte dele? Para reforçar ainda mais a disputa? Ela poderia simplesmente ter evitado se casar com ele em primeiro lugar.

Damien virou-se, colocando um prato fumegante de ovos, carne e queijo na minha frente. Eu peguei uma garfada, soprando para esfriar. — Poderia ser esse o plano. — sugeri. — Ela fica perto dele, se casa com ele e o mata. Completa o ciclo de vingança pelo roubo e tudo o que aconteceu desde então.

Gabriel assentiu, cruzou os braços. — Sullivan?

— Isso me parece estratégia de vampiro.

— Imortais fazem isso? — Perguntei.

— Algo parecido. Mas não é especialmente eficiente. E Taran não era imortal.

Quando os ovos estavam bons o suficiente para não queimarem as minhas papilas gustativas, eu levei uma mordida, saboreando a mistura de sabores com os olhos fechados. — Muito bom, Damien.

— Não fique eufórico, Garza, — disse Gabe. — Ela diz isso para todos os shifters.

Abri os olhos, sorrindo para eles. — Não para todos, só para aqueles que cozinham para mim. — Eu acenei o garfo vazio para eles. — E se isso não era vingança pelos Marchands, mas um sacrifício para os McKenzies? E se eles mataram Taran?

Gabe franziu a testa. — Por quê?

Dei de ombros, esfaqueando um pedaço de presunto. — Eu não sei. Talvez para colocar a culpa em Nessa? Talvez eles querem a enquadrar. A raiva faz com que as pessoas façam coisas estúpidas, e Rowan McKenzie parecia muito chateado ontem.

O olhar de Gabriel escureceu. — Ele te deu o machucado?

— Foi Niall. Mas eu dei um tão bom quanto eu tenho. Ele derramou sangue. Estamos no mesmo, tanto quanto eu estou preocupada.

— Seu senso de justiça está anotado e desconsiderado, — Gabriel disse, sem rodeios. — Cadogan e o Bando são aliados, e ele está no Bando. Essa é a única coisa importante.

— Tecnicamente, — eu disse, — Eu tirei o primeiro sangue.

Gabriel bufou. — Isso é um absurdo de vampiro. Você não veio até aqui para derrubar um shifter. Eles ameaçaram; Você se defendeu. Isso coloca esse idiota diretamente a seus pés.

— E eles são obrigados a reconhecer sua autoridade?

Damien e Gabriel congelaram, voltaram seus olhares para mim, o som da panela de repente, o único som na casa.

Limpei a garganta nervosamente pela minha aparente violação da etiqueta. — Eu não quis dizer que eles *não devem* reconhecê-lo. Eu apenas não estou certa de sua, você sabe, as regras.

Gabriel levantou a mão, e a nuvem de magia que surgiu foi ligeiramente dissipada. — Há, como você sabe, quatro Bandos nos Estados Unidos. Colorado

está no território do NAC, e o que faz com que a família McKenzie, se preferem admitir ou não, parte do Bando.

— Justo. Você está planejando dizer-lhes hoje à noite?

— Eu estou. Essas são palavras que eu prefiro dizer em pessoa, que é em parte por isso que estou aqui. — Ele olhou para Ethan. — E o que os vampiros estarão fazendo esta noite?

— O xerife pediu a Nessa para andar pela casa, ver se alguma coisa estava faltando.

— No caso de este ser apenas um assalto que deu errado, — Gabriel sugeriu, quando Damien ofereceu a Ethan uma omelete.

Ethan assentiu seu agradecimento. — Eu não teria pensado que o xerife era ingênuo, mas ele governa uma cidade que tem visto mais do que seu quinhão de violência. Suas habilidades são necessariamente suspeitas.

— Eu duvido que um homem fica em um vale escondido no Colorado para avançar sua carreira, — Gabriel brincou, tomando cerveja com um sorriso. — Tem certeza que manter um olho no clã está também na sua lista?

— Nós temos tido os detalhes básicos, — disse Ethan. — Apenas quinze membros, mas os Clãs geralmente estão registrado com o NAVR, e este não está. Eu não me importaria em dar-lhe uma leitura das regras.

Gabriel bufou. — Eu estou supondo que estes idiotas não dão a mínima para as regras ou regulamentos. Se eles fizeram uma família que durou um século, sem envolvimento do NAVR, eles certamente não vão começar agora.

— Seja como for, — disse Ethan. — Meu trabalho é gerenciar os riscos para a minha Casa, e é o que farei. — Ele deu outra mordida, olhou para mim. — O bibliotecário vai enviar-lhe um arquivo?

O aroma sedutor de bacon tinha me distraído. Peguei meu telefone, olhando através de mensagens de Luc, minha melhor amiga (e feiticeira) Mallory, e meu avô,

todos desejando uma boas férias com diferentes graus de sarcasmo. E o relatório do bibliotecário.

Eu abri... e assoviei. Ele tinha enviado um cronograma do feudo, uma lista com marcadores em duas páginas com os ataques e contra-ataques, com denominações sobre os incidentes que tinham sido suspeitos, documentado, ou provado em tribunal.

— Qual é a boa, Kitten?

— Há uma série de incidentes — eu disse. Eu li a lista, em seguida, passei o telefone para Ethan e Gabriel para que eles pudessem ter uma noção do escopo da rixa e a criatividade das reações dos grupos.

Os seres humanos não eram os únicos seres que poderiam ter maneiras criativas de torturar o outro. A ameaça de sangue era comum, assim como os furtos de objetos considerados importantes para cada grupo. Para não mencionar o assassinato brusco e assalto. Tantas mortes, tanto desperdício, e tudo por causa de uma mulher que não poderia ter feito nada de errado em primeiro lugar.

E essa era a parte que eu continuava tropeçando — Eles estão complicando muito isso?

— O que? — Perguntou Gabriel.

— Eu acho que a rixa, tudo isso. Eles começaram a brigar porque alguém decidiu que o desaparecimento de Fiona era parte de um esquema de assassinato pelos vampiros ou roubo por parte dos shifters. — Eu olhei para Ethan. — Estamos sempre falando sobre a navalha de Occam, certo? Sobre como a explicação mais simples é geralmente o caminho certo. Um esquema não se encaixa exatamente nisso.

— Então, o que faz? — Damien perguntou, com as mãos apoiadas na bancada.

Eu fiz uma careta. — Eu não sei. Christopher supostamente acordou ao anoitecer, e Fiona se foi. Mas ela era um shifter. Ela podia sair durante o dia. Então,

qual é a explicação mais simples? Ela saiu, pretendia voltar, mas não o fez por algum motivo. Se perdeu, ficou ferida, foi morta.

— Eles tiveram um século para pensar. — disse Ethan. — Certamente eles teriam olhado em todos os lugares e virado cada pedra para encontrá-la.

— Teriam? — Perguntou Damien. — Se eles já se odiavam, por que se preocupar provando que toda a situação foi um acidente? Por que não deixar a mentira e usar um contra o outro?

— Há também a possibilidade de o presente assassinato e a rixa não estar relacionado — disse Gabriel, e eu assenti.

— Taran estudava cartografia, exploração, — eu disse. — Talvez ele encontrou algo que ninguém queria divulgado.

Gabriel olhou para Ethan sobre a minha cabeça. — Ela está indo muito bem.

— Tudo de acordo com o plano, — disse Ethan, encolhendo-se com bom humor quando eu belisquei seu braço, uma vez que beliscar Gabriel não parecia a melhor opção.

Gabriel tomou um gole final de sua cerveja e a colocou na bancada. — Nesse caso, nós provavelmente deveríamos fazer as nossas respectivas viagens. Eu gostaria que Damien fossem com você.

— Agora, quem vai olhar o Clã? — Perguntou Ethan.

— Oh, eu não nego isso, — disse Gabe, girando a garrafa vazia na bancada. — Mas a minha principal preocupação é a família McKenzie. Eles mostraram muito pouco respeito para a sua Casa ou a minha. Eu estou supondo que, até se provar o contrário, que eles são idiotas teimosos, e cuidar de vocês, se necessário.

— Nesse caso, nós apreciamos a oferta.

— Nós temos que andar naquele desastre laranja? — Damien perguntou.

— Eu o chamo de Explosão Laranja. — eu disse a ele.

Seus lábios se curvaram com desgosto.

— É um bom veículo — disse Gabriel. — E agora ele tem quatro pneus inflados.

Dei-lhe um sorriso largo. — Você é realmente útil em emergências com pneus.

— É um domínio estrito, — disse Gabriel, levantando-se da banquetta e elevando-se sobre mim. — Mas um passo importante. E desista do flerte. Ethan está bem ali.

— Não se preocupe, — Ethan disse, sem um pinga de ironia. — Eu a arruinei para outros homens.

Dado o fogo em seus olhos, eu não tinha planos de testar essa teoria.

Ethan pegou o volante do Explosão Laranja, e eu sentei no banco do passageiro. Damien dobrou seu longo corpo no banco de trás.

— Como está Boo? — Perguntei, quando entramos no carro.

Boo Garza é um dos animais de estimação de Damien, um gatinho que tinha salvo durante uma desventura mágica anterior.

— Ele está bem, — disse Damien, agarrando ao veículo quando nós colidimos na entrada para a estrada, e colocou a outra mão contra o teto para impedir a cabeça de bater contra ele. — Inteligente. Opinativo. Bonito como o inferno.

— E como está Emma?

Emma era irmã mais nova de Tanya Keene, uma bela morena que, obviamente, tinha olhos para Damien. Eu também não conhecia Damien ou Emma muito bem, mas os poucos momentos que eu os tinha visto juntos parecia ter algo doce e crescente entre eles.

Sério, Sentinela? Ethan perguntou, seu sorriso incompatível contra os intensos olhos focados em manter Explosão Laranja na estrada na noite escura

como breu. *É este o local mais apropriado para interrogar o homem sobre o seu relacionamento?*

Você só disse para uma casa cheia de shifters que você 'me arruinou para outros homens.' Além disso, eu era intrometida.

— Ela tem um namorado, — disse Damien. — Ele a mantém muito ocupada.

Eu estava feliz que ele estava no banco de trás e não podia ver minha reação a essa resposta. Eu tinha visto os olhos de Emma quando ela olhava para Damien. Havia mais do que interesse casual lá. Luxúria teria sido compreensível, mas não era só isso. Havia respeito. Temor. Apreciação. Amor, talvez, ou, pelo menos, o começo disso, e eu tinha visto emoções recíprocas nos olhos de Damien. Eu não poderia imaginar que ela teria tomado qualquer outra pessoa.

— Huh. — era tudo que eu conseguia pensar para dizer. — E eu vou ficar em apuros se eu disser que ela está sendo estúpida?

Um canto de sua boca se elevou, mas só um pouco, e ele manteve seu olhar na estrada pela janela lateral. — Provavelmente.

— Posso sentar com ela e batermos um papo?

Seu sorriso se alargou, com algo um pouco tímido nas bordas. — Não.

Eu me virei para a frente novamente. — Tudo certo. Mas se você decidir que está pronto para o que o coração mandar, eu sei tudo sobre ele.

— Vou manter isso em mente.

O Explosão Laranja pode ter pneus novos, mas não fazia o carro mais suave ao longo da estrada de cascalho. Felizmente, o clã não estava longe de Ravenswood. Eu saltei no banco durante os dez minutos antes de nós entrarmos para uma longa estrada, pavimentada que curvava através de um estande de pinheiros com os

caules retos que se estendiam até o céu noturno. Nós emergimos em uma clareira plana vazia de árvores, mas cheio de agulhas de pinheiro residuais.

A clareira mantinha um enorme edifício em duas partes: um componente circular, o exterior coberto de pranchas de madeira curvas, e um componente reto feita de pedra que cruzavam o círculo como uma lança.

A madeira e pedra eram pesadas e escuras, as poucas cores eram laranja e ocre. Isso tinha um sentimento de anos 70 e uma vibe de ovnis.

— Interessante arquitetura, — disse Ethan, puxando o carro para uma parada. Saímos, levando um momento para olhar por cima do edifício, os arredores.

— Pensamentos? — Perguntou Damien, as mãos nos quadris enquanto inspecionava a propriedade com um olhar atento.

— Eu não sei muito sobre eles, — disse Ethan, — Eu suspeito que Vincent os controla, emocionalmente ou de outra forma. Eles são vampiros, então eles vão agir em conformidade.

— Com a estratégia de manipulação?

Eu reprimi uma risadinha, mas mesmo Ethan não discordou. — Todas as coisas consideradas, sim.

Nós caminhamos juntos para o pórtico situado na junção entre os edifícios circulares e lineares do composto.

Astrid abriu a porta antes de chegarmos a ela, seu corpo magro envolto em roupas que fluíam até os tornozelos. Ela sorriu, abriu a boca para nos receber, e em seguida viu Damien. Seus olhos ficaram prateados imediatamente, e ela descobriu suas presas e assobiou.

Damien, imperturbável, assistiu à reação com os olhos em emoção.

— Astrid Marchand, — Ethan disse calmamente, — conheça Damien Garza, um membro do Bando Central Norte Americano. Ele está aqui em nome de Gabriel Keene, o Apex do Bando, como um emissário da diplomacia.

Astrid, colocou a mão no batente da porta, estava obviamente perturbada e não inteiramente certa de que ela deveria permitir que um shifter entrasse em sua casa. Ela fez uma pausa, os olhos fixos em Damien por um momento em silêncio, provavelmente buscando permissão de Vincent para nos deixar entrar.

— Entre — ela finalmente disse, e deu um passo atrás.

— Emissário da diplomacia? — Damien murmurou enquanto entramos no interior.

— Isso nos fez passar pela porta. — Ethan apontou.

O interior do retiro era tão original quanto o exterior. O primeiro cômodo, um grande hall de entrada, tinha um piso de ladrilho espanhol, paredes revestidas em alternados tons de verde abacate, laranja e amarelo manteiga. As paredes inclinadas na nossa frente, os lados desaparecendo de vista em corredores para outras partes do edifício. A porção retangular do edifício era um lobby espaçoso e longo, pontilhado de árvores em vasos e bancos de couro sem encosto em formas primárias. Um círculo e um triângulo aqui, um círculo e quadrado lá.

— Boa noite.

Nós viramos e encontramos Vincent e Nessa caminhando juntos pelo corredor. Nessa tinha tomado a forma de seus amigos e usava uma bata marfim com mangas longas, calças largas em um azul giz, o mesmo tecido que Astrid e Vincent usavam. Seu cabelo escuro foi trançado frouxamente sobre um ombro. Ela parecia, eu pensei, menos um vampiro e mais uma deusa, mas gostaria de saber se deusas pareciam tão tristes.

— Boa noite, — disse Ethan, então apontou para o edifício. — Esta é uma estrutura impressionante.

Vincent assentiu. — O edifício foi criado como um centro de retiro corporativo. O negócio falhou, e fomos capazes de obtê-lo a um custo mínimo. Muitos dos nossos vampiros nos encontram, porque eles estão fugindo de situações desagradáveis. Tentamos dar-lhes um lugar seguro e agradável. — Ele fez um gesto em direção ao prédio linear.

— Nós achamos que viver em comunidade, sem a presença de seres humanos, nos dá a oportunidade de ser verdadeiramente nós mesmos. — O som da água escorrendo floresceu, ficou mais alto. Havia uma fonte que corria pelo meio do espaço, um pequeno bico que derramava um fluxo espesso e reluzente da água em um canal estreito através dos tijolos. O canal foi forrado com vidro azul-verde nublado, a água borbulhando enquanto se movia através do canal para o outro extremo.

— Muito bonito. — Ethan comentou, sentindo claramente que Vincent estava buscando elogios. — E quantos aos moradores?

— Treze dos nossos quinze membros presentes.

Quando eles começaram a discutir regulamentos potencialmente aplicáveis, olhei ao redor do prédio, vendo estrias familiares de azul e verde, em uma pintura na parede oposta.

Eu andei em direção a ela, olhei para as longas e retas pinceladas, o brilho da luz de verniz, o craquelado velho de tintas a óleo usado para processar uma paisagem do vale luminoso. Embora o ângulo era um pouco diferente, mas era o mesmo vale escavado, os mesmos rochedos familiares de montanha de cada lado.

Voltei a olhar para Nessa, ela sorriu. — Isso parece familiar.

Nessa assentiu, satisfeita que eu tinha percebido. — É um Barrymore, o mesmo artista com pinturas na casa de hóspedes. Ele viajou através de Colorado na década de 1890, fez quase cem paisagens, incluindo estes dois de Elk Valley.

— Você é uma colecionadora? — Perguntou Ethan ao se juntar a nós.

Nessa olhou para ele, tristeza puxando os olhos. — Na verdade não. Elas eram pinturas de Christopher. Ele tinha um grande amor pela arte, e ele tinha comprado na esperança de que ele e Fiona seriam capaz de construir uma casa maior. Nós estávamos restaurando, Taran e Eu.

Ethan assentiu, e sua voz suavizou. — Você está pronta para voltar para a casa?

Nessa assentiu trêmula. — Sim. Quer dizer, não, claro que eu não quero ver onde ele foi morto. Eu não sei se vou ser capaz de viver lá novamente. Mas se a minha volta pode ajudar...

Vincent tocou na mão dela. — Se for muito cedo...

Nessa sorriu educadamente, mas com firmeza. Imaginei que ela e Vincent tinham tido essa conversa antes. — É necessário. Mas obrigado, Vincent.

Nós estávamos caminhando em direção a porta da frente quando a magia arrepiou meu pescoço. Damien e eu paramos no corredor, eu imaginei que ele sentiu, também.

Havia armas, com certeza. Mas sua magia foi ofuscada por baixo de uma magia maior e mais pesada, como grãos de areia em um oceano profundo.

Damien e eu trocamos um olhar, ele assentiu.

— Todos fiquem aqui, — eu disse, e usei um dedo apontando para avisá-los do lugar enquanto nós corremos de volta para a parte circular do edifício, onde as janelas ladeavam a porta da frente.

Sentinela?

Shifters, eu disse a Ethan, olhando através do vidro para ver Niall e alguns de seus amigos mais próximos. Homens e mulheres, a maioria deles jovens, com corpos magros e famintos olhos para a violência.

Ethan ignorou o pedido para ficar para trás e saiu para a frente, mágica rolando fora dele como água fervente. — Gabriel deveria lidar com isso.

— Ele vai. — disse Damien sem hesitação. — Eles devem ter saído antes de Gabriel chegar.

— Ou ele está reunido com Rowan, e Niall não estava feliz com isso. — Fiz um gesto através da janela. — Rowan não está lá fora.

— Então nós temos que colocar Rowan para falar com ele, e eles podem pegar o caminho de volta para a floresta. Vou ligar para Gabe para que isso aconteça. —

Mas quando Damien pegou seu telefone, ele xingou. — Não há sinal aqui. Estamos muito longe de qualquer coisa.

Ethan olhou para Vincent, que tinha se juntado a nós. Vincent sacudiu a cabeça.

— Não temos uma linha de telefone. Nós normalmente achamos desnecessário. — Eu estava começando a achar Vincent desnecessário, assim como o resto do Marchands e McKenzies.

— Tudo bem. — disse Ethan, mão na porta. — Nós vamos lá fora, e falamos com eles. Lembremos-lhes que há uma investigação policial em curso. Eu, Merit e Damien. Todo o resto fiquem aqui.

— Eu vou com você.

Ethan olhou firme para Nessa.

— Eu não irei me esconder na casa enquanto eles me acusam de assassinato.

Ethan olhou para Damien, que deu de ombros.

— Tudo bem, — disse Ethan, e olhou para Vincent. — Fique aqui e mantenha o resto do seu povo calmo.

Vincent não discutiu e parecia não ter escrúpulos de se hospedar no interior.

Ethan abriu a porta e caminhou lentamente para o pátio de pedra além dele, Damien e eu atrás dele, Nessa na parte traseira. Eu lamentei o fato de que eu tinha deixado a minha espada no carro. Mas, novamente, isso era supostamente para ser uma busca rápida.

Ethan cruzou os braços e manteve o olhar fixo suave. — Nós não acabamos de fazer isso ontem?

— Nessa matou o nosso primo. — Niall cuspiu. — Temos provas. — Sem tirar os olhos de nós, ele gesticulou atrás dele. — Vem cá, Darla.

Darla andou para a frente. Jeans abraçando as pernas muito finas, e uma camiseta preta grudada em seu corpo magro. Seu cabelo estava preso em um rabo

de cavalo, e seus olhos estavam brilhantes e com mesmo brilho predatório como Niall.

Ela puxou um maço de papéis do bolso, estendeu para Ethan.

— O que é isso? — Perguntou Ethan, os pegando e lendo.

— A petição de divórcio, — disse ela, estreitando seu olhar para Nessa. — Ela estava pedindo divórcio. Ela iria deixá-lo.

Os papéis do divórcio, Ethan silenciosamente confirmou-me, antes de entregar os papéis para Nessa com uma pergunta óbvia em seus olhos.

— Onde você conseguiu isso? — Nessa exigiu, mas Darla a ignorou, lançando de volta um esgar feio.

— Você não está negando isso?

Nessa engoliu, o olhar passando rapidamente dos papéis para Ethan. — Foram feitos a meses atrás. Tivemos uma fase difícil. Eu não poderia fazê-lo falar comigo, ele estava tão absorvido em seu trabalho. Eu estava frustrada, e falei com um advogado. Mas nós passamos por isso. Começamos a conversar novamente. Priorizando o nosso relacionamento. As coisas estavam ficando cada vez melhores, então não demos andamento. Eu me concentrei em arrumar o meu casamento.

Darla não parecia totalmente convencida. — Isso não explica a briga que teve com ele na escola há três semanas. — Ela olhou para Ethan, claramente acreditando que ele era o único que ela precisava convencer. — Ela gritou com ele, em frente da biblioteca.

O que quer que Ethan pensava sobre a admissão, sua expressão manteve-se neutra. Ele olhou para Nessa, cujos olhos tinham ficado muito, muito amplos.

Seu olhar voou para Ethan, um pedido em seus olhos. — Isso não significa nada. Foi apenas uma discussão. Apenas um desacordo estúpido. As coisas foram ficando cada vez melhores.

Darla ou não estava convencida ou não se importava. — Você não é um de nós. Você nunca foi e nunca será. Ele poderia ter feito muito melhor do que você, e todos nós sabemos disso. Você não poderia dar-lhe filhos.

Estremeci com a acusação, e magia horrorizada e enlutada irrompeu de Nessa. Ela sacudiu para a frente, e Damien passou um braço em volta da cintura para mantê-la de se lançar fora do pátio em direção aos shifters.

— Sua puta. Eu não matei o meu marido! Eu o amava e ele me amava.

— Ele era um de nós! — Disse Niall. — Ele deveria ter ficado com a gente. Este é precisamente o que acontece quando shifters desviam de sua espécie.

— Ele está morto, e agora há ainda mais sanguessugas no vale, — disse Darla, olhando para mim e Ethan. — Taran não queria você aqui, você sabe. Ele não queria que ela deixasse vocês ficarem aqui.

— Isso não é verdade, — disse Nessa, mas a expressão no rosto dela disse que era, pelo menos, um pouco verdade. — Ele estava apenas ocupado e cansado. Ele não queria lidar com a empresa. — As lágrimas escorriam pelo seu rosto. — Eu pensei que seria divertido tê-los aqui. Todos nós poderíamos sair juntos, como um maldito casal normal. — Ela chorou nos braços de Damien, parecendo completamente miserável... e na minha opinião, totalmente inocente.

Ethan olhou para o seu pranto, um vampiro que está sendo consolado por um shifter e honrosamente voltou seu olhar para Niall e Darla.

— Não tenho a pretensão de saber o que estava acontecendo entre Nessa e Taran. O relacionamento deles era assunto deles e sua preocupação, e certamente de nenhum de vocês. Você não trouxe nada aqui, hoje, que sugere que esta mulher matou o marido. Você está ansiosa para uma luta que é claro o suficiente, mas você está procurando no lugar errado. Nós estamos no nosso caminho para falar com o Sheriff McKenzie. Se você tem evidências que acha que deveria ter, você é bem-vinda para levar até ele.

Niall fez um som duvidoso. — Você sabe onde ficamos? Parados. Nós conversamos e falamos e falamos um pouco mais, — ele fez movimentos com uma

mão — e perdemos boas pessoas ao longo do caminho. — Seus olhos endureceram. — Falar não adianta nada. Ensaaios não fazem nada. Cadeia não faz nada. É hora de colocar um fim a isso.

— Percebo que Rowan não está aqui. — disse Ethan. — Será que ele não concorda com a sua abordagem?

— Rowan está beijando a bunda de Gabriel Keene. Nenhum deles tem alguma coisa a ver com isso.

— Oh, eu suspeito que Gabriel discordaria, mas vamos deixá-lo dizer isso.

— Chega de falar merda. — Niall puxou um revólver, apontou para Ethan. — Você me entrega ela, e o resto de vocês pode ir.

Mesmo que fosse uma mentira óbvia. *Ele não vai nos deixar ir*, eu disse calmamente. *Ele quer sangue no chão*.

Ethan manteve seu olhar firme sobre Niall. — Eu receio que não podemos fazer isso.

— Então vão sofrer as malditas consequências.

Shifters, mais de uma dúzia, surgiu de entre as árvores, enchendo o ar com o zumbido de magia e raiva. Metade estavam em forma humana, com grandes armas automáticas. AK-47, se eu me lembrava do treinamento com armas de Luc com precisão. Uma única bala não mataria um vampiro, mas o puro poder de fogo de todas essas fariam algum dano muito sério.

Os outros shifters estavam em suas próprias armas, eles estavam em forma animal, grandes e elegantes leões da montanha, orelhas douradas planas contra as suas cabeças, presas à mostra em advertência. Eles tinham grandes pés o suficiente para me derrubar, forte o suficiente para me manter lá.

Eu senti um pulso de magia de Damien enquanto ele olhava para baixo. Ele era um lobo e estava pronto para mudar, pronto para brincar de gato e cachorro com estes shifters amante de guerra.

Mas a equipe de Niall tinha outras ideias. Ao seu sinal, eles levantaram suas armas.

— Balas contra a imortalidade. — disse ele. — Vamos ver o que ganha.

CAPÍTULO 05



Nós optámos por não esperar. Com assombrosa velocidade, mesmo quando ouvimos as primeiras explosões de balas, nos movemos de volta para dentro, procuraram segurança atrás das pedras quando tiros esmurraram a porta da frente, rasgando buracos do tamanho de punhos na madeira e polvilhando balas pelo chão.

Ethan olhou para Vincent, que estava do outro lado da sala, o choque evidente em seu rosto. Mas Ethan não tinha mais paciência para choque. — É isso que você semeou ao longo de um século aqui? Ódio e violência?

— Eles estão atirando em nós!

— Porque eles foram ensinados com o ódio e a guerra. — a voz de Ethan vacilou com fúria. — Dane-se você por envenenar essas crianças.

Vincent engoliu em seco, o custo inegável da rixa agora rasgando a porta.

E, em seguida, uma nova luz começou a piscar com as aberturas na madeira, as janelas estreitas em torno dele. Arrisquei um olhar, respirando.

Os shifters não tinha trazido apenas pistolas eles haviam trazido tochas, e eles estavam acendendo em uma cadeia que se movia de um shifter para outro, criando um círculo de fogo. Os shifters em forma de felino vagava ao redor, impaciente, ansiosos para a ação. Um deles gritou, um som agudo tanto como o grito de um ser humano que levantou arrepios em meus braços.

— Jesus — Vincent disse, dando um passo para trás.

— Você quer matar nossa espécie? — Niall chamou. — Mas você é covarde demais para nos encarar? Bem. Você pode morrer como você merece, com fogo!

— Jesus — disse Astrid. — Eles vieram nós queimar.

— E salgar a terra depois. — Eu disse, olhando para Vincent. — Temos alguma outra saída.

Vincent olhou para as sombras se movendo no chão pela luz do fogo ameaçador. — Existe... Não posso simplesmente deixá-los tomar a nossa casa.

— Eles não estão aqui para brincar e dar risada. — Damien disse, olhando para nós. — Há um tempo para lutar e uma hora de recuar. Esta seria a hora do último. — Ele olhou para Vincent. — Como é que vamos sair?

O silêncio respondeu por um momento e, em seguida. — O porão. Há acesso a um dos poços da mina no porão. Podemos segui-lo para fora e para cima.

Os olhos de Astrid estavam enormes e escuros. — Você quer que a gente ande através de um túnel da mina?

— Você tem uma ideia melhor? — Vincent atirou de volta.

— Nossas opções não são muitas. — Ethan apontou. *Sentinela?*

Eu prefiro lutar, eu admiti, em seguida, olhei através da janela observando shifters leigos com tochas contra o exterior de madeira, esperando a faísca pegar. *Mas estamos em menor número e desarmados, e eu não acho que o Marchands seriam de muita ajuda.*

Concordo, Ethan disse, trocando um aceno com Damien, e olhou para Vincent. — Vamos para o chão e espero que a terra nos deixe sair novamente.

Vincent chamou os vampiros restantes no edifício, e entramos por uma escada estreita para o porão. Vincent correu para a parte de trás da sala. Com a ajuda de Damien, ele puxou móveis e madeira da parede traseira.

— Isto é tudo minha culpa. — Nessa murmurou, envolvendo os braços em torno de si mesma. — Isto é tudo minha culpa. — Ela olhou para Ethan. — Eu poderia me entregar. Confessar. Acabar com isso.

— Você matou Taran?

— Não! — Sua resposta foi rápida, afiada. — Claro que não.

— Se você não o matou, isso não é culpa sua. Você se entregar não iria amenizar o ódio; eles iriam te matar, e isso impediria o xerife de encontrar o verdadeiro assassino. Eu não posso imaginar a dor que você está passando, mas não perca a emoção que deve ser gasto em Taran — ele apontou para as escadas — não em idiotas como esses.

Estou mentalmente aplaudindo você, eu disse a ele.

Fico feliz que alguém está. Isso pode piorar antes que fique melhor.

Eu era um vampiro por tempo suficiente para saber que era quase inevitável. O sentimento não diminuiu quando Damien e Vincent revelaram um buraco negro que descia para a escuridão, uma cânula para as entranhas da terra.

Eu não ligava para a metáfora ou a realidade.

— Lanterna — disse Astrid, e eu olhei, pegando a lanterna que ela tinha estendido.

— Obrigada. — eu disse, testando ligando e desligando para garantir que ela funcionária e eu não estaria presa no chão sem luz.

Damien olhou para o buraco. — Você tem um mapa?

— Só a memória, — disse Vincent, um rubor subindo em suas bochechas pálidas. — Fiquei fascinado pela mineração, quando eu era humano e encontrei a tranquilidade como um vampiro. Eu costumava andar por eles na escuridão e no silêncio.

Algo grande e pesado cresceu acima de nós, agitando o porão e enviando uma nuvem de fumaça para baixo através da escada.

— Vamos, — disse Ethan.

Um por um, os feixes de nossas lanternas balançando na frente de nós, nós nos movemos para a escuridão.

A passagem era quadrada, vigas pressionadas no teto e nas paredes, em intervalos para manter o túnel, terra batida e rochas soltas escavadas dentro e todos nós nos enterramos. O ar estava frio e cheirava a terra úmida e metal. Ele se inclinava ligeiramente para baixo e, ocasionalmente, separava em outras direções.

Era apenas o suficiente para caminhar, mas todos nós tivemos que abaixar para não bater a cabeça nas vigas. Era irritante o suficiente que nós estávamos descendo mais e mais para a terra, que cada passo em camadas e mais camadas de rochas e sujeira acima de nós; Eu não deveria ter considerado as consequências de Vincent fazendo até mesmo uma única curva errada, de ficarmos perdidos e sem esperança juntos em uma escuridão eterna. Mas não podíamos voltar, então tivemos que esperar que ele fosse encontrar a maneira apropriada de sairmos pela frente.

Eu tirei teias de aranha do meu rosto, tornou-se bastante certo de que eu podia sentir todas as aranhas do túnel atravessando meus ombros, tinha que me forçar conscientemente para não ficar obcecada com essa possibilidade.

Pense nisso desta maneira, Sentinela. Você está fazendo uma visita muito original ao Colorado.

Eu vou precisar de um período de férias das minhas férias. Você não tem um lugar na Escócia? Eu estou indo para lá. Por uma semana. Sozinha.

Ele tocou minhas costas em solidariedade. O progresso a frente, Sentinela. Isso é tudo que você tem que pensar.

Às vezes, esse sentimento é esmagador.

Nós andamos por quase uma hora, seguindo Vincent para baixo em uma passagem, depois outra. Paramos descendente, tínhamos começado a nos mover ligeiramente para cima, o que me deu esperança de que tínhamos, eventualmente, encontrado a superfície da terra novamente.

A escuridão, a semelhança, cada canto de túnel era confuso. Eu tinha perdido meu senso de direção nos cinco minutos de viagem e, mas para a inclinação no chão, não teria tido nenhuma ideia de onde estávamos. Nossa magia nervosa acumulada na escuridão úmida, portanto, sentida como se nós estivéssemos viajando em uma nuvem de ansiedade.

Houve um ruído surdo acima de nós, ao nosso redor, atrás de nós. Sujeira caía do teto como confete, e Damien levantou uma mão para deter nosso progresso. Nós congelamos, assim como fizemos nas primeiras duas vezes que pedaços de teto do túnel tinha polvilhado para baixo como a chuva.

Mas desta vez, o rumor não parou. Ele parecia crescer mais alto, ganhando força como um trem fantasma caindo sobre nós.

Avistei Damien, olhando para cima, em seguida, de volta. — Movam-se! — Ele explodiu, e todos nós avançamos.

— Vá! — Eu disse, empurrando suavemente os vampiros para frente. — Corre! Continue andando!

Atrás de mim, Nessa gritou, e eu me virei de volta bem a tempo de vê-la ir para baixo, segurando o tornozelo.

— Nessa! — Ethan chamou, e se esquivou de volta para ajudá-la, se ajoelhando para levantá-la em seus pés novamente.

E então o teto simplesmente *abriu*.

A sensação de terra e pedras derramado através de nós como se o próprio planeta estivesse em colapso para dentro. A força dele me bateu para trás e para longe, e encheu o ar com poeira e rocha. Eu cobri meu rosto com a barra da minha camisa para filtrar alguns dos detritos, mas ainda tossi em longos espasmos.

Levou uma eternidade para o ar limpar novamente. E quando os raios de nossas lanternas, finalmente, penetraram na escuridão, eles iluminavam uma passagem bloqueada por um enorme derramamento de pedras e sujeira.

Ethan e Nessa tinham desaparecido.

Pânico torcia no meu intestino, e eu mexi sobre rochas e montes de terra do tamanho de almofadas em direção a barreira, na direção deles. — Ethan! Ethan! Me responda!

Eu chamei seu nome em voz alta, gritei uma e outra vez, repetindo na minha mente.

Mas para tudo isso, ele não respondeu.

Ele é um vampiro, eu me lembrei, tentando manter o terror desligado no meu corpo, minha mente. *Ele é imortal*.

Até que ele não é mais, disse a voz competindo com o tom de zombaria de uma criança temperamental.

Talvez as rochas eram muito grossa para a comunicação psíquica para viajar através, disse a voz mais agradável. *Talvez eles têm ferro ou algo assim e que interfere com a transmissão*.

— Não importa — murmurei para mim mesmo, provavelmente soando tão histérica como eu me sentia. — Não importa.

A única coisa que importava era tirá-lo. Movi-me para a pilha, comecei chutando pedras no chão para fazer um lugar claro para ficar. E um lugar claro para cavar.

— Devemos voltar por eles. — disse Cyril, apontando para a extremidade aberta do eixo. — Todo o túnel pode entrar em colapso, e, em seguida, onde estaríamos? Nessa é uma assassina de qualquer maneira.

Eu congelei, lentamente levantando o olhar para ele. Isso, eu decidi, foi a última gota. O insulto final em uma viagem que tinha se tornado um desastre

absoluto. Quantas vezes temos sido ameaçados porque nos oferecíamos para ajudar essas pessoas, e eles não têm a coragem de fazer o mesmo?

— Oh, foda-se. — eu cuspi.

Todas as cabeças se viraram para mim, e eu tive um momento delgado de prazer quando os olhos de Damien se arregalaram como com prazer. — Você tem uma boca terrível. — ele murmurou.

— Espere. — eu murmurei, e nivelei o meu olhar com Cyril.

— Você quer saber onde eu gostaria de estar agora? Apreciando um copo de vinho com meu namorado em um terraço. Mas eu não estou, estou? Não. Estou aqui embaixo em um antro maldito de aranhas grandes o suficiente para ter diplomas universitários porque a sua comunidade não pode crescer e calar a maldita boca.

Quando Cyril abriu a boca para protestar, inclinei-me, enfiei um dedo apontado na cara dele. — Não. Você não vai falar. Você é um imortal que iria deixar um homem para trás. Nada que você tem a dizer é válido. Agora, cale-se e comece a trabalhar, ou de o fora do caminho.

Por um momento, a magia e a tensão se juntou à poeira e sujeira no ar. E então, sem palavras, Vincent se moveu ao meu lado, olhou para a queda de rochas e apontou.

— Pedras menores de um lado, pedregulhos lá. Eu digo que devemos trabalhar no menor, deixar o maior; eles vão adicionar estabilidade, reduzir a possibilidade de uma nova queda.

Concordei, meu alívio tão agudo que quase cai em prantos. — Isso parece razoável para mim.

Nós formamos uma linha de balde. Vincent e eu puxamos rochas da pilha, passando para os vampiros da sua tripulação. Cyril parou alguns pés de distância, um braço em volta das costelas, que podem muito bem ter sido ferido, e olhou para mim com raiva e insulto.

Seus sentimentos não importavam muito para mim. Mas o fato de que ele estava mais do que dispostos a acusar Nessa, um de seus membros do clã, de ser o assassino e deixá-la presa no subterrâneo para o resto da eternidade o levou até a minha lista de suspeitos.

Se ela estava morta, a culpa poderia ser facilmente jogada no seu caminho, e que seria o mais sábio?

Vincent, por outro lado, eu não tinha dado crédito suficiente. Nós nos movemos por rochas por uma hora, e ele trabalhou sem emitir nem um grunhido irritado, apesar do ar que estava longe de estar fresco, um desconcertante estrondo acima e em torno de nós, e os dedos crus e sangrando de cavar através de rochas pontiagudas.

— Você a ama, — eu calmamente disse, quebrando o silêncio sociável.

O sorriso de Vincent foi melancólico e de certa forma determinado. — Ela ama outro. Essa é a minha cruz especial para suportar.

Será que era mesmo? Isso me deixou pensativa.

— Talvez — disse ele depois de um momento. — você está pensando que iria me dar ampla motivação para matar Taran.

Olhei novamente para ele com surpresa. — Na verdade, sim.

Vincent levantou uma pedra plana com metade do tamanho de um micro-ondas como uma panqueca, entregou-o para o vampiro atrás dele. Ele colocou uma mão em sua cintura, limpou a manga de sua outra na testa. — Eu acho que você está certa sobre isso. Mas estaria faltando a parte crucial.

— Qual é?

— Isto, — ele disse, apontando para as pedras e sujeira. — O fato de que nós estamos correndo das pessoas de Taran. Estamos no meio de uma briga. Suspeita pela morte de Taran cairiam imediatamente sobre nós, incluindo Nessa. Especialmente Nessa, desde que ela era o mais próximo a ele. Eu sou um vampiro,

Merit. Eu sou capaz de matar. Mas matar Taran iria machucá-la, então eu não faria isso.

— E é tão simples.

Vincent assentiu. — Para mim, é. — Ele se inclinou para frente, arrancou uma rocha, depois outra, tirando do caminho. — Para mim, é.— ele repetiu, mais calmo agora.

Movi mais uma pedra, e um raio de luz e sujeira brilhou através de uma fenda na caverna. Dedos surpreendentemente e milagrosamente forçando seu caminho.

— Ethan! — Eu disse, estendendo a mão, tocando-os, apertando-os. — Você está bem? Nessa está bem?

O meio segundo que levou para responder pareceu uma eternidade.

Eu estou aqui, Sentinela. Um pouco desgastado, mas aqui. E eu vou para a Escócia com você.

Eu soltei um meio soluço, meio risada, que estava cem por cento aliviada.

Nós cavamos através do resto de rochas, com cuidado para criar uma abertura apenas grande o suficiente para Nessa e Ethan se espremer. Quanto mais pedra permanecesse, mais estável a estrutura seria. Ou então nós dissemos a nós mesmos.

Ethan ajudou Nessa através do túnel, em seguida, seguiu-a completamente. Ele estava imundo, quando saiu para a luz de nossas lanternas. O sangue escorria de um corte na têmpora, e ele segurou seu braço esquerdo com cuidado. Mas ele estava inteiro, e ele estava vivo.

— Uma concussão leve. — Damien diagnosticou quando ele olhou Ethan. — Braço quebrado. Duas costelas quebradas. Uma abundância de contusões. Você vai curar em breve; mais rápido se eu pudesse fazê-lo mudar.

— Por que isso importa? — Vincent perguntou, a questão tão notável como era triste. Ele estava dizendo que um homem envolvido em uma disputa de séculos de idade sabia tão pouco sobre aqueles com que ele rivalizou contra.

— A Mudança cura os shifters, — eu disse. A transformação de um shifter de humano para forma de um animal é um turbilhão mágico que eu tinha tido a sorte de testemunhar, e tinha o benefício de curar as feridas sofridas na forma humana. O inverso, estranhamente, não era verdade.

— Obrigado — disse Ethan. — Talvez — disse ele, apontando para a escuridão na outra extremidade do eixo, — devemos nos concentrar no presente e dar o fora daqui?

— Esse. — Damien disse. — é o meu tipo de plano.

Outros quinze minutos de movimento e o eixo tomou um rumo ascendente fixo. Era difícil ir, mas continuamos andando, com passos silenciosos e grunhidos ocasionais quando escorregávamos na sujeira ou tropeçando em pedras invisíveis.

Lentamente, gradualmente, o túnel à frente de nós começou a brilhar suavemente.

— A Luz da Lua, — Ethan disse calmamente, seu evidente alívio ao ver algo tão familiar. — Isso é o luar.

Segundos depois, irrompemos no mundo, como se a terra tivesse nos encontrado e nos cuspidos para fora novamente.

Sáimos para um pequeno platô escavado a partir de uma colina na cabeça de Elk Valley. A vista quase fazia vale a pena. O Luar derramado na bacia do vale, iluminando prados e árvores e a fita de prata da corrente de água.

— É um belo lugar para ser tão cheio de ódio. — disse Damien.

Vincent assentiu. — É, — disse ele, suas palavras sombrias. Eu esperava que ele estivesse fazendo um balanço, considerando se mais drama, mais mortes, valiam a vitória que os McKenzies e Marchands esperavam.

Ethan suspirou, colocou a mão nas minhas costas. — Se os gatos têm nove vidas. — ele calmamente perguntou: — Quantas os vampiros tem?

— Essa é uma pergunta interessante. — eu concordei, olhando para ele. — Como está o seu braço?

Ele gentilmente levantou-o de cima a baixo, estremeceu com a ação. — Dolorido, mas já não é tão sensível. Eu suspeito que o osso esta trincado.

— Você precisa de sangue. — eu disse, igualmente aliviada e perturbada que eu estava dando a instrução, não recebendo.

— O que fazemos agora? — Nessa calmamente perguntou.

— Estou nisso. — disse Damien. Ele pegou seu telefone, deve ter tido algum sucesso obtendo recepção. Com precisão militar, ele colocou no pedido.

— Gabe, use meu GPS e nos envie os veículos. Precisamos de uma evacuação.

No momento em que caminhamos da colina até a estrada mais próxima, os veículos estavam esperando, vários caminhões e vários shifters.

Gabriel se inclinou contra um deles, os braços cruzados. Ele começou a caminhar quando nos aproximamos, nos olhou de cima a baixo, olhando a sujeira, a lama, os arranhões e o sangue.

Ethan deu vários passos determinados em direção a ele, mágica enchendo o ar com um zumbido adstringente. Ele estava chateado, e toda a sua frustração, medo, dor e fúria estavam caindo agora.

— Achei que você iria obter o controle sobre o seu povo. — ele cuspiu.

Gabriel descruzou os braços, e as expressões de seus shifters ficaram cautelosas. — Meu povo? Você vai querer ver o seu tom, Sullivan.

— Seu povo atirou em nós e, quando isso não funcionou, tentou nos queimar no retiro do Marchands porque acreditam que Nessa matou Taran. Tivemos de recorrer a uma mina decrépita de escape, quase fomos mortos em um desmoronamento. Eles são membros de seu Bando. Isso faz com que seja suas ações, suas tentativas de assassinato, sua responsabilidade.

Magia nos atravessou e rodou nos olhos de Gabriel. — Você quer ter uma chance comigo, Sullivan? Você acha que pode com um?

Os olhos de Ethan brilharam com prata pura. Ele se inclinou para frente. — Nunca, nunca esqueça quem somos, ou tome isso como garantido. Você é um Apex. Eu sou um Mestre. Nós podemos ser aliados, mas eu não sou um membro de seu Bando. Você não é meu alfa.

Por um longo momento, eles se encararam, dois predadores, corpos rígidos e alertas, com os punhos cerrados e prontos para a batalha. Eles poderiam ter ido a isso.

Eles poderiam ter se jogado para baixo e então se agredido mutuamente na sujeira para provar sua superioridade.

Mas não era esse precisamente o problema em Elk Valley? Que tanto shifters e vampiros, convencido de que eles tinham razão, recusavam a se comunicar, discutir o que tinha acontecido com Fiona e Christopher, provavelmente, se recusado a cooperar em encontrá-la e a raiva e medo havia enraizado ao longo de gerações. Eles tinham estado muito entrincheirados em suas posições, também convencidos que o outro era o inimigo, para considerar qualquer outra

possibilidade. É precisamente por isso que estávamos em uma estrada de cascalho nas Montanhas Rochosas, cansados, sujos e gritando uns com os outros.

Gabriel pareceu perceber a verdade, e seu sorriso alvoreceu e quebrou a tensão. — Que bom que os doces vampiros de Chicago não causam problemas, Sullivan. Oh, espere, não é por isso que você precisava de um período de férias, em primeiro lugar?

A tensão desapareceu do rosto de Ethan imediatamente. Ele poderia ter estado chateado, mas Gabe tinha um ponto sólido. — Foda-se, Keene.

O sorriso de Gabe se arregalou, e ele bateu Ethan em seu braço quebrado. — Foda-se, também, Sullivan.

Eu acredito que é o mais perto de um acordo.

Os shifters nos levaram de volta para a pousada onde Explosão Laranja esperava, agora um pouco menos laranja do que tinha sido. O Pack tinha voltado para o retiro, encontrado os McKenzies e os substituído por bombeiros e voluntários, Explosão Laranja estava intacto. Sua pintura foi chamuscada pela proximidade com as chamas, mas as nossas katanas estavam a salvo no interior.

Nós nos revezamos no chuveiro enquanto Nessa encontrou roupas adequadas para os outros Marchands, garantiu que eles tinham sangue e alimentos.

Eu fui uma das últimas a tomar banho, e eu esfreguei o cabelo e a pele até que eu tinha certeza que tinha conseguido me livrar de qualquer invasor aracnídeo. Mas imaginava que eu provavelmente iria sentir o rastejar de minúsculos pés sobre minhas costas por algumas noites ainda.

Quando eu estava limpa e tinha sacudido minha jaqueta de couro meia dúzia de vezes para me livrar de quaisquer criaturas finais, eu encontrei a sala de estar

cheia de shifters e vampiros. Eles não falavam uns com os outros, mas eles não estavam grudados na garganta um do outro tampouco, que era alguma coisa.

Eu entrei na cozinha, encontrei os líderes das várias conspirações lá.

— Você parece mais limpa, Kitten. — Gabriel e Ethan estavam sentados, sangue e cerveja na frente deles.

— Eu nunca vou me sentir verdadeiramente limpa novamente. — eu admiti. — Estou, no entanto, pronta para começar ir para o inferno fora de Dodge. — Eu olhei para Ethan. — Estamos prontos para ir para casa?

— Nós estamos, e eu compartilho seu sentimento exatamente. — Gabriel levantou-se. — Eu vou com você neste momento. Damien, toma conta das crianças, não é?

Damien resmungou, mas sabia quando calar.

A casa principal era aparentemente longe o suficiente para necessitar de veículos. Por isso, andamos para fora e voltamos para os caminhões, Gabriel, Ethan, e eu em um; Vincent, Nessa, e mais dois shifters NAC na outra. O resto dos vampiros e shifters ficaram na pousada. Não havia nenhum ponto em ter todos nós contaminando a cena do crime.

Depois de um passeio através da escuridão irregular, Gabriel puxou para um longo espaço aberto, a casa principal perfeitamente situada no final, para que os hóspedes pudessem vê-la crescer mais quando eles iam até a calçada.

Era um óbvio parente da casa de hóspede, a mesma mistura de telhados íngremes e troncos pesados, de pedra e vidro, mas em uma pegada substancialmente maior. Se a casa de hóspede teria feito uma linda casa para uma família grande, a casa principal era, sem dúvida, uma mansão. Nessa e Taran tinham muito dinheiro.

O cruzador estava estacionado em frente da casa, Tom e um vice revendo papelada enquanto esperavam. Nós paramos ao lado dele e saímos para a noite novamente.

— Olá, — disse Tom, a voz cuidadosa, pois ele olhava Gabriel.

— Gabriel Keene. — disse Ethan. — Apex do Bando Central norte-americano. Gabriel, este é Tom McKenzie, o xerife.

Tom assentiu. — Claro. Bom conhecê-lo.

Não houve aparente reconhecimento da autoridade de Gabriel em sua voz. Apenas um pouco de incerteza, como se ele não tivesse certeza de seus passos.

Gabriel inclinou a cabeça, e havia abundância de castigo em seus olhos.

— Bem, — disse Tom, olhando para o resto de nós — contente de ver vocês em uma única peça. Vimos a fumaça, recebemos a chamada quando o corpo de bombeiros estava sendo rebocado para fora.

Ethan não puxou seu saco. — Considerando que os McKenzies tentaram nos queimar, sim.

Tom apenas olhou para ele. — Queimar? O departamento não disse nada sobre o incêndio ser criminoso.

— Eles trouxeram tochas. — Ethan disse suavemente. — Você pode ter certeza que Niall e Darla estão surpresos por estarmos vivos.

Tom piscou. — Niall e Darla? Ela é apenas uma coisinha.

— Ela é forte o suficiente. — Ethan assegurou.

— Eles acham que eu o matei. — disse Nessa. — Eles descobriram que eu tinha os papéis do divórcio elaborados, e ela viu uma briga que Taran e eu tivemos na faculdade. Ela acha que eu o matei por raiva.

Os olhos de tom ficaram escuros. — Você ia pedir o divórcio?

— Nós estávamos trabalhando nisso. — ela disse, e soou tão exausta quanto eu me sentia.

— Sobre o que foi a luta?

Nessa cruzou os braços e olhou para longe, a brisa despenteando seu cabelo despenteado. — Nós deveríamos ir até a cidade para um compromisso uma noite. Ele estava na biblioteca, perdeu a noção do tempo, e me deixou lá. Eu não estava feliz com isso, e eu o confrontei sobre isso. Não era o nosso momento de maior orgulho. Ele não era perfeito. — disse ela, empurrando lágrimas de suas bochechas. — Mas estávamos trabalhando nisso.

— E Darla viu a briga? — Perguntou Tom.

— Eu suponho. Ela é uma estudante; Eu não estava sendo exatamente discreta.

Isso explicava parte do que Darla tinha dito, mas não o resto. — Como ela conseguiu uma cópia dos papéis do divórcio?

Nessa olhou para mim, piscou. — O que?

Tom fez uma careta. — Ela tinha uma cópia dos documentos? Eu pensei que você disse que você não deu andamento.

— Eu não dei. — Compreensão aparentemente atingiu Nessa. Ela pensou sobre a revelação sobre o divórcio de Darla, mas não como Darla tinha descoberto sobre isso em primeiro lugar. — Ela tinha a minha cópia. Lembro-me de ver meu nome na parte superior. Essa cópia veio do meu advogado.

— Onde estava? — Perguntei. — A sua cópia.

— No meu escritório. — Sua expressão mudou, de tristeza para horror. — Eles estavam em meu escritório. Eles estavam em minha *casa*.

Nós olhamos para ele, a porta da frente marcada profeticamente por um X amarelo da fita policial.

— Ninguém estava na casa hoje. — disse Tom. — Tem estado sob guarda. Teria sido antes do assassinato.

Ou, eu severamente pensei, durante a mesma.

— Por que não vamos para dentro e damos uma olhada? — Ethan sugeriu. Tom se afastou da fita, amassou em uma bola antes de empurrar a porta aberta.

— Ethan, Merit, Gabriel, Nesss — disse Tom, apontando-nos para dentro. — Todo o restante, fiquem aqui, por favor.

Ninguém se opôs com as instruções.

A casa era enorme e abria em uma sala gigante com uma cozinha e sala de jantar de um lado. Toda a metade traseira consistia em janelas sem sombra que davam para o vale. A luz era necessária para a palmeira que crescia no meio da sala de estar, situada no piso de ladrilho espanhol e rodeada por uma pequena fonte de água.

Qualquer sangue que poderia ter sido derramado tinha ido embora, qualquer sinal da morte de Taran apagado, exceto na mente de Nessa. Ela ficou em silêncio, estoicamente, olhando para uma mancha no chão onde ela tinha visto pela última vez o marido.

— Eu vou levar Nessa para seu escritório. — Tom disse calmamente. — Nós vamos começar por aí. Por que vocês não começar em seu escritório? — Ele fez um gesto para a esquerda.

A casa pode ter sido enorme, mas o escritório era apertado, lotado, e absolutamente encantador. À esquerda, uma estante, cada prateleira empilhada com livros, papéis, anotações. Na frente dele estava uma pequena mesa, e à direita era um pequeno e bem-vestido assento de veludo que provavelmente servia como o local de sestas da tarde.

Shifter ou não, a partir das pilhas de papel, a variedade de globos, a coleção de chapéus que pendia sobre estacas na parede, eu percebi que Taran era do tipo inteligente e peculiar. Meu tipo, pelo menos antes de Ethan. Senti uma pontada de

simpatia por sua morte, mas empurrei para baixo. A única maneira de ajudá-lo agora era encontrar a verdade.

— Senhores. — eu disse, quando eu tinha certeza de que minha voz seria constante, — chegamos ao escritório de um acadêmico. Vocês vão querer me deixar cuidar disso.

Eu podia ouvir tudo, até seus olhos rolando atrás de mim, mas eu os ignorei, entrei, e deu uma olhada ao redor.

Comecei nas prateleiras. Os livros eram principalmente sobre a exploração no oeste e centro-oeste dos Estados Unidos. Um conjunto completo de revistas de Lewis e Clark. Um conjunto de revistas do príncipe Maximilian. Inúmeros livros de flora e fauna. Histórias de mineração em Colorado.

Movi para a mesa, tentando trazer à tona o seu sistema organizacional, finalmente percebi que cada pilha era uma categoria. Papéis que precisavam de classificação estavam em uma pilha, trabalhos já classificados em outra. Havia uma pilha de pesquisa sobre assentamentos Arapaho, outra na Trilha Mórmon. E um terceiro de papel frágil e amarelado.

Eles eram notas, datada de cada página no topo e com riscado 'CM' na parte inferior.

Christopher Marchand, pensei, o sangue começava a correr.

Peguei um lápis para virar a folha, cuidado para não tocar o papel. As notas eram várias semanas. A maioria seguia os detalhes internos de sua vida com Fiona. Galinhas alimentadas. Terreno limpo no jardim. Um abrigo melhorado para o seu jumento, Fred. Christopher amava a arte, e ele notou que ele tinha trazido para o Colorado um livro de peças famosas. Ele e Fiona iriam lê-lo à luz de velas, discutindo as pinturas, imaginando os mundos de fantasia. Que, aparentemente, tinha os inspirado.

Fiona é a pintora, disse uma das entradas de Christopher. *Ela não é muito boa ainda, mas ela está tentando com muito afinco. Eu disse a ela que deve visitar Paris e ver as maravilhas lá.*

Seu amor por ela era óbvio, o seu entusiasmo por Elk Valley claro. Eu poderia ter felizmente passado horas lendo suas anotações. Mas eu tinha uma missão, então me fiz recolocar os papéis antes de eu ser sugada em qualquer outra.

Sentei-me em uma cadeira esganiçada e esfarrapada, abri a gaveta da mesa inferior. Havia pastas de pesquisa, rascunhos de artigos, artigos publicados, cópias do curriculum vitae de Taran impresso em papel grosso. Cheguei mais para frente e senti a traseira da gaveta para qualquer coisa que poderia ter estado gravado ou fixado. Eu assisti a minha parte de shows de investigação criminal. Não havia quaisquer pacotes secretos, mas eu encontrei uma pasta que tinha deslizado para baixo atrás dos outros.

Puxei isso para fora. *Ameaças*, estava escrito em sua caligrafia arrumada em todas as folhas, e elas eram isso mesmo. Havia e-mails desagradáveis de alunos, cartas rudes de pais dominadores, uma acusação infundada, de acordo com as notas de Taran, que ele tinha plagiado um artigo de conferência inédita de vinte anos de idade. Muitos dos documentos estavam amarelos com a idade. Mas havia um bem no fundo que ainda era branco, ainda fresco.

Puxei-o para fora, o meu coração acelerando quando eu percebi o que eu tinha encontrado. Era um e-mail para Taran datado de há uma semana.

Taran:

Eu sei que você não quer falar sobre a confiança, mas você tem que entender. Você vai destruir tudo o que construímos só por causa dela. É assim que este vale se desfez em primeiro lugar e não podemos voltar a isso. Faça a coisa certa aqui ou o que acontece depois será culpa sua.

-Rowan

Eu não tinha certeza do que a ‘confiança’ era, mas eu li uma ameaça velada de Rowan sobre ele. Guardei a pasta, levei o papel para o corredor, encontrei Ethan, Gabriel, e Tom lá.

— Encontrou alguma coisa? — Perguntei.

— Nessa não achou que eles tomaram qualquer outra coisa fora do seu escritório. Ela queria alguns minutos para si mesma.

Eu balancei a cabeça. — Eu posso ter encontrado algo. — eu disse, e entreguei a Tom o papel. — Que confiança é que ele está falando?

Tom franziu a testa, entregou o papel para Ethan.

— Provavelmente, a confiança de terra.

— Que confiança de terra? — Perguntou Ethan.

— Pelo que eu entendo, a propriedade em que a casa e casa de hóspedes está foi feita em uma relação de confiança revogável, em nome de Taran.

— Se Nessa e Taran são casados, — eu disse, — por que está em nome de Taran?

— A terra tem estado sempre no nome dos McKenzies. Eles arquivaram reivindicações de terra antes dos Marchands chegarem. Essa é uma das razões para a tensão no vale. Os shifters têm a terra; os vampiros têm o dinheiro.

— Os juros compostos. — Ethan e eu dissemos simultaneamente.

Tom assentiu. — E há a prática questão que Taran não poderia ter colocado os documentos fiduciários em nome de Nessa, não quando ela nunca envelhecesse. Teria sido muito óbvio que ela era diferente.

— E colocá-la em perigo. — disse Ethan.

Tom assentiu.

— Então, o que era que Rowan tinha medo? — Perguntei. — O que ele tinha medo que Taran iria fazer?

— Eu acredito que... — Tom disse. — é hora de perguntar-lhe apenas isso.

Em comparação com a casa de Nessa, a casa dos shifters era humilde. Vários edifícios em uma área pequena, vedada, com uma dúzia de carros estacionados aqui e ali através do que teria sido o gramado. Galinhas ciscavam a terra, e as ervas daninhas e vinhas sobre uma cerca de arame nas bordas da propriedade.

Era parte da animosidade? O ciúme, que os vampiros tinham tanto e os shifters tinha tão pouco? Ou será que a sua conexão com a terra fazia os elementos materiais da sua existência irrelevante?

Rowan caminhou para fora, Niall e Darla atrás dele. Niall e Darla pareciam surpresos e desapontados de nos ver vivos.

— Sheriff — disse Rowan, seu olhar deslizando com cautela para nós. — Gabriel. Existe um problema aqui?

Tom fez uma pausa, olhou para Gabriel, que acenou com a permissão para prosseguir. Eu acho que Tom havia decidido que o alfa tinha autoridade suficiente.

— As primeiras coisas primeiro, você está ciente de Niall e alguns de seus amigos dispararam contra esses vampiros, incendiando o composto dos Marchands, e tentou queimá-los? Uma de suas pessoas também roubou alguns papéis legais da casa de Nessa, decidindo que provavam que ela tinha matado seu marido.

A expressão de Rowan ficou em branco, mas uma contração em sua mandíbula. Seu olhar encontrou Gabriel. — Isso não foi aprovado por mim.

— Vamos discutir isso mais tarde. — disse Tom. — De um modo calmo e razoável, com os Marchands e os McKenzies na mesa, vamos discutir se as reparações são adequadas.

Niall abriu a boca para falar, mas Rowan silenciou com uma mão.

Uma abordagem surpreendentemente razoável, Ethan silenciosamente disse. Eu tive que concordar.

— Então por que você está aqui?

— Devido a isso. — Tom andou para a frente, entregou a Rowan o papel, agora fechado em uma bolsa de provas.

Rowan olhou para ele com desconfiança, mas seu corpo ficou tenso com cada palavra que seus olhos viram por toda a página.

— Eu não escrevi isso.

Tom não estava comprando. — Tem seu nome nele. É foi partir do seu endereço de e-mail.

Rowan oferecido o papel para Tom. — Seja como for, eu não escrevi.

— Você falou com Taran sobre a confiança? — Os olhos de Rowan brilharam com alguma coisa. — Sim.

— E quanto a isso?

Sua mandíbula trabalhava. Ele estava claramente infeliz sobre o assunto de sua conversa ser revelada aqui. Depois de um momento, quando a magia se estabeleceu no ar como poeira, ele fixou seu olhar em Nessa.

— Eles estavam trabalhando em seu relacionamento. Ele achava que as coisas estavam melhorando. Ele iria mudar a confiança. Ele queria colocá-la em seu nome, fazer um presente dele para ela. Era suposto ser uma promessa para o seu casamento.

Os lábios de Nessa partiram com óbvio choque, com a dor fresca. Imaginei que ela não tinha conhecimento do plano de Taran.

Os olhos de Ethan se estreitaram. — Já aconteceu antes? A Propriedade do vale ser de um vampiro?

— Não — disse Rowan, e ele deixou poucas dúvidas de que ele teria preferido que ficasse assim.

— Então, o que você pretendia fazer a respeito? — Perguntou Tom.

— É a sua terra, não minha. O que eu poderia fazer?

— Isso é magnânimo.

— É prático. — Rowan respondeu. — A confiança está em seu nome. Não no meu, não dela. Deveria ter ficado assim. Mas não foi minha chamada para fazer, legalmente ou de outra forma.

— Matá-lo seria garantir que ele não poderia mudar a confiança. — eu disse, e o silêncio caiu pesadamente.

— Eu não matei o meu primo. — Rowan disse categoricamente. Desta vez, ele disse a Gabriel.

— Quem mais tem acesso à sua conta de e-mail? — Perguntou Tom.

— Ninguém.

— Então, o e-mail foi enviado por si mesmo?

— Eu estou dizendo a você, eu não enviei o maldito e-mail. Eu nem sequer tenho o meu laptop. Eu deixei Darla usando para a escola.

Não foi até que Rowan disse as palavras que ele percebeu a implicação. Ele endureceu e muito lentamente olhou para Darla, que permaneceu em silêncio atrás dele, o queixo erguido em desafio.

— Você usou minha conta?

Ela não respondeu.

— Responda! — Ele exigiu, mágica derramando por todo o quintal como o zumbido de um ninho de vespas.

— Eu ouvi você dizer-lhe sobre como alterar a confiança. Isso está errado. Sanguessugas não pertencem aqui. Eles nunca pertenceram aqui. A terra pertence aos McKenzies. Nós estávamos aqui primeiro, e ele não tinha direito de dá-la. Tentei falar com ele, mas ele não quis ouvir.

Quando ela parou, Rowan olhou para ela.

— Termine isso. Faça a coisa honrosa e termine.

Darla olhou para ele por um momento, antes de deslocar cuidadosamente o olhar para Gabriel, procurando um ouvido simpático. Mas a expressão de Gabriel estava preenchida com tanto rancor quanto Rowan, e que aparentemente era o suficiente para convencê-la.

— Eu enviei o e-mail da sua conta. — ela confirmou. — Ele a ignorou, então eu fui para a casa para falar com ele. Ele me disse que não era da minha conta, que ele estava fazendo a coisa certa para a sua família. Ele se virou dando as costas para mim. Para os McKenzies. Eu não podia deixá-lo fazer isso. Não depois de tudo o que nós já passamos desde Fiona. Então eu peguei um peso de papel, era a coisa mais próxima que eu poderia encontrar... E eu bati nele com ele.

— Oh, Taran. — Nessa calmamente disse, cobrindo a boca com a mão quando ela sufocou as lágrimas.

— Eu corri para fora da porta para que ninguém me visse. — disse Darla. — Eu deixei cair o peso de papel em algum lugar ao longo da estrada, e fui para casa.

— Você matou um dos nossos. — disse Rowan, cara pálida com o choque. — Você *nos* matou.

Tom deu um passo adiante, puxando as algemas do cinto. Ele fixou as mãos de Darla atrás das costas, agarrou nos punhos.

— Darla McKenzie, você está presa pelo assassinato de Taran McKenzie. — Ele recitou seus direitos e entregou-a para o policial, que a obrigou entrar no carro. Niall correu para a frente, ansioso para proteger sua irmã. — Você não pode levá-la! Ela não fez nada! Isso é culpa dos vampiros! É culpa dos vampiros! — Dois shifters McKenzie o interceptaram, puxando as mãos para parar o seu progresso.

— Rowan, isso tem que parar. — disse Tom, obviamente cansado. — Não há mais represálias. Não há mais medo. Não mais ódio. Eu deixei ir por muito tempo, e isso estará sobre mim. Mas agora está em todos nós. Se você não vai sentar juntos e conversar, eu vou chamar o governador e pedir a Guarda Nacional, e vamos ver o quão longe, helicópteros negros vão nos levar.

Por um longo momento, Vincent e Rowan simplesmente olharam um para o outro.

— Eu não tenho nenhuma objeção a uma discussão. — disse Vincent.

Rowan assentiu. — Vamos sentar com você.

Isso, eu esperava, seria o começo de algo novo.

A casa de hóspedes cheirava gloriosamente a massas, tomate, alho e carne picante.

Damien, graças a Deus, tinha estado ocupado.

Ele já tinha empilhado comida na sala de jantar, a mesa cheia de tigelas de macarrão e molho, queijo parmesão ralado fresco, almôndegas fumegantes, e pão duro para finalizar.

Olhei para a mesa e suspirei com a aprovação sensual.

— É melhor você propor a ela rapidamente, Sullivan. — Gabriel advertiu, tomando um assento na mesa. — Antes que ela faça a Damien ou a comida.

Ethan fez um som sardônico, puxou uma cadeira para mim. Sentei-me e comecei a encher meu rosto.

Eu não parei até que eu tinha comido o suficiente para encher meu estômago como se tivesse engolido uma bola de vôlei. Um delicioso voleibol.

E quando todo o sangue correu para o meu estômago e meus olhos começaram a fechar.

Gabriel pressionou um guardanapo à boca, em seguida, jogou-o sobre a mesa. — É melhor você ir para a cama antes de cair sobre sua comida, Kitten. Vamos manter a guarda hoje.

— Tem certeza? — Perguntou Ethan.

Ele assentiu. — Você já fez sua parte por nos ajudar. O Mínimo que podemos fazer é retribuir o favor. Nós vamos embora ao entardecer, quando você estiver acordado. Eu presumo que você vai voltar amanhã?

Ethan assentiu. — O jato estará esperando ao anoitecer.

— Timing perfeito. — disse Gabriel.

— Você alguma vez dorme? — Eu grogue perguntei. A maioria dos seres sobrenaturais não têm a sensibilidade dos vampiros para o sol, mas dormia durante o dia, de qualquer maneira. Eu tinha assumido que eles queriam estar acordados durante a ação, ou o caos.

— Não tanto quanto você faz. — disse Gabriel, sorrindo. — Nós preferimos sestas de gato.

Eu sorri de volta, cobri um bocejo com as costas da minha mão.

— Claro que você faz.

— Vá para a cama.

Eu não discuti com ele. Enquanto Ethan foi se limpar, eu fui para a cama com minhas roupas e cai no sono antes que ele retornasse.

CAPÍTULO 06



Eu comecei a acordar. Pisquei, me orientando, percebi que estava muito nua.

Minhas roupas penduradas ordenadamente em uma cadeira-de-cabeceira. Ethan deve ter tirado fora antes do sol nascer.

O quarto estava escuro, persianas ainda sobre as janelas, a viagem do sol ao céu ainda não estava completa. Ethan dormia profundamente ao meu lado, e o resto da casa estava totalmente silenciosa, totalmente imóvel.

Eu raramente acordava antes de Ethan, e foi estranho experimentar o crepúsculo tranquilo enquanto ele dormia profundamente. A questão era por quê? Eu joguei as cobertas, esfreguei as mãos sobre o meu rosto, tentando me lembrar do sonho que estava tendo ou o ruído que tinha me acordado.

Levantei-me, entrei no banheiro, espirrei água gelada no meu rosto até o meu cérebro começar a funcionar, em seguida, voltei para o quarto, olhei em volta. Meu olhar continuava mudando de volta à paisagem Barrymore, à representação do vale na lona.

E então eu pensei no diário de Christopher: *Fiona está pintando. Ela não é muito boa ainda, mas ela está tentando com muito afinho.*

Meu coração começou a bater. — Poderia ser tão simples? — Perguntei, arregalando os olhos.

— Sentinela?

A voz de Ethan estava grogue. Quando olhei para trás, ele se sentou, dedos penteando através de seu cabelo, lençóis enrolados em seu abdômen. — O que está errado?

Olhei de volta para a pintura. — Eu acho que sei o que aconteceu com Fiona McKenzie.

Pedimos que o piloto mantivesse o jato esperando e nos reunimos em um monte áspero na cabeça do vale, a mesma colina que nós tínhamos surgido na noite anterior. Tom, Rowan, e alguns de seus shifters confiáveis. Vincent e Nessa. Eu e Ethan.

— Bem, Merit. — disse Tom. — Esta é a sua festa. Vá em frente.

Eu balancei a cabeça, olhando para Vincent. — Você disse que alguns dos bens de Fiona estavam faltando, então eles acreditavam que ela estava morta. O que estava faltando?

Vincent fez uma careta. — Eu não vejo como isso iria...

— Apenas me ilumine. — eu disse suavemente.

— Eu não me lembro exatamente. Um suéter. O broche. Suas boas botas.

— E quanto a arte e suprimentos de tintas?

— Não que eu me lembre. — disse Vincent, franzindo a testa. — Mas ela não era uma artista.

— Na verdade, isso não é verdade. — eu disse. — Fiona estava aprendendo a pintar. Taran tinha alguns dos papéis velhos de Christopher e Christopher mencionou. Fiona sabia o quanto Christopher amava o vale e as pinturas Barrymore, e ela sabia que ele pretendia dar-lhe o broche. Ela queria lhe dar algo em troca. Algo que ele ia gostar.

Fiz uma pausa, deixando isso afundar por um momento. — Eu acho que ela decidiu dar-lhe a paisagem que ele amava. Ambas as pinturas, a grande e a pequeno são do vale e deste monte, ângulos ligeiramente diferentes. Eu acho que Fiona levantou-se antes de Christopher e veio aqui com suas boas botas, seu

suéter, talvez o broche porque ela achava que seria dela um dia. Talvez para a inspiração. Ela estabeleceu-se para pintar, e algo aconteceu.

— O quê? — Perguntou Vincent, obviamente intrigado.

— Eu não sei. Mas é por isso que estamos aqui.

Muito bem feito, Sentinela, disse Ethan.

Obrigado. Vamos ver se podemos fazer algum ‘bem feito’ para Fiona.

Tom olhou para mim, e toda a gente olhou para Tom, à espera de seu veredicto.

— Você ouviu a senhora. — Tom disse finalmente. — peguem suas lanternas, e vamos fazer um grupo de busca.

Estávamos procurando por uma hora e não encontramos nada. Nós estávamos procurando cuidadosamente pelo terreno acidentado, através de cascalho solto, pedras irregulares e tocas de coelhos e raposas que fizeram do vale sua casa. Nós tínhamos identificado mais duas entradas para a mina, os ossos de que acreditávamos ser de um alce, e um pouco mais.

Isto é, até que eu literalmente tropecei.

Confundi com uma rocha pela sombra, meu dedo do pé capturou a saliência. Eu caí para a frente e bati no chão com minhas mãos enviando uma dor aguda quando a pele macia encontrou o cascalho irregular... e percebi que a rocha era uma longa pedra de granito que parcialmente abrigava um buraco no chão.

Peguei a lanterna que eu tinha deixado cair e iluminei a abertura.

Era estreita, profunda, coberto pela pedra de granito. E na parte inferior estavam os restos de um corpo, um vestido simples em tecido rosa pálido com

pequenas folhas verdes, botas de couro, e uma pequena mochila de couro. Pelo olhar parecia que suas pernas haviam sido quebradas.

Um século se passou desde a sua morte, e a sujeira tinha caído sobre seus ossos e a vestiu como neve. Mas tantos anos depois, ela ainda era Fiona.

Levantei-me, assobieei e deixei o resto deles me encontrar.

— O que é isso? — Tom calmamente perguntou. Sem dizer nada, eu iluminei com minha lanterna o buraco. Houve suspiros, maldições, preces.

— Você a encontrou. — disse Nessa, estendendo a mão para apertar a minha mão. — Você a encontrou.

— Eu acho que ela quebrou as pernas na queda. — eu disse, usando a lanterna para apontar.

— O espaço deveria ter sido pequeno demais para ela mudar. — Ethan disse calmamente.

— Então, ela não podia se curar. — disse Vincent, lembrando o que eu disse a ele.

Eu balancei a cabeça. — Ela não teria sido capaz de sair, e a saliência teria feito quase impossível vê-la. Eu não vi até que eu caí no chão. E há outra coisa. — eu disse, apontando a lanterna no brilho na lapela de seu vestido, no ouro e pedras preciosas do broche de louro. Ela estava usando quando ela caiu.

— Será que ela fugiu? — Perguntou Rowan. — Será que ele a matou? Será que ele a colocou aqui?

Rowan não era, entre outras coisas, um otimista.

Tom olhou para o buraco novamente, suspirou.

— Vamos trazer os forense aqui, e vamos ver o que os McKenzie tem a nos dizer.

Esperamos enquanto os cientistas foram chamados, as luzes preparadas, folhas de plástico dispostas de modo que pudesse ter o corpo cuidadosamente extraído.

Depois de tirar fotos, eles usaram pinças longas para trazer seus restos mortais e seus pertences, incluindo um saco de lona e suas fontes da arte: pincéis, alguns gizes coloridos, uma pequena garrafa de tinta. Além disso, várias folhas grossas, o papel dobrado que tinha milagrosamente sobrevivido. Agachei-me perto do plástico, usando uma vara para desdobrar cuidadosamente a primeira página.

Um pouco da tinta estava desbotada e quase invisível, mas as palavras visíveis foram suficientes para obter o ponto de vista.

Christopher, meu amor, é o fim ---- presa nessa linda terra selvagem
----- Sem espaço para mudar ou ---- uma pena. Eu estava esboçando nosso
vale ---- revelar -- pigmento bem as -- Sr. Barrymore. Seria --- meu
presente -- você. Tantas diversões ---- em quão facilmente os nossos
planos são m-- pelo destino. E seis dias -- eu sou. Temo que este é o meu
fim --, que a imortalidade não é --- . Se você -- não encontrar -, - oro para
que sua mente vai ser aliviada, como a minha --, --- passaram tantos meses
juntos.--- chore por mim na tristeza, mas também de alegria, -- de tudo
que vimos no mundo ---. Procure a família --; de-lhes conforto e não
console -- tema por mim. Não estou com medo -- a escuridão vem para
todos nós.

Com amor, e - - eternamente, Fiona

— Seis dias — disse Rowan, quando ele tinha tomado a sua vez de ler as palavras, com a voz embargada pela emoção. — Ela estava aqui por seis dias.

Lágrimas quentes caíram de minhas bochechas em homenagem. Fiona não tinha fugido, e Christopher não tinha a matado. Ela tinha caído para uma caminhada, com a intenção de fazer um desenho do vale para Christopher, tinha caído e se ferido, e não tinha sido capaz de fazer o seu caminho para fora outra vez.

Christopher não podia chorar por Fiona mais, não poderia experimentar a dupla alegria e desespero de tê-la encontrado. E eu chorava por ele, por ela, e por todos aqueles que tinham vindo atrás deles, envolvidos em uma batalha que nunca ninguém tinha a intenção de lutar.

— Vamos dar-lhe um momento de silêncio. — disse Tom, e cada pessoa na colina parou de se mover quando nós fizemos a contagem regressiva de um minuto em silêncio. Tom fungou quando o minuto terminou, limpando a umidade de seus olhos, também.

— Eu gostaria de dizer algumas palavras. — disse Rowan.

Tom acenou com a cabeça, e nós mudamos de lado para dar-lhe espaço.

Shifters eram românticos no sentido clássico, sua conexão com o mundo natural era forte e profunda. Eu tinha ouvido Gabriel recitar Yeats, invocar um poema do *In the Seven Woods*, por isso não deve ter me surpreendido que Rowan escolheu outro verso de Yeats.

— E então você veio com aqueles lábios tristes vermelhos. — ele começou, a voz clara e tocante. — E com você veio todas as lágrimas do mundo, / E todas as tristezas de suas noivas em trabalho de parto, / E todo o peso de seus inumeráveis anos.'

Rowan fez uma pausa, os dentes cerrados, enquanto ele fez um esforço heróico, obviamente, para conter suas emoções. Um rápido movimento de cabeça, um desenho de sua mão em seu queixo, uma ingestão abatida de ar. Quando teve certeza de seu controle, ele juntou as mãos na frente dele, começou novamente.

— E agora os pardais estão em conflito no beiral, / A lua pálida, as estrelas brancas no céu, / E o canto alto do das folhas inquietas...

Apesar de seus esforços, seus olhos se encheram, e ele fungou com raiva, como se seu corpo tinha traído suas emoções. — São agitadas com o grito velho e cansado da Terra.

Esse era o seu sinal implícito, e seus shifters uivaram seu luto, suas vozes unificadas e tão completamente tristes.

Quando terminaram, eu limpei as lágrimas dos meus olhos.

— As cinzas de Christopher. — Eu disse calmamente, rompendo o silêncio e olhando para Vincent. — Onde elas estão?

Ele levou um momento para responder. — Em nosso túmulo, no cemitério do outro lado do vale.

— Ele deveria estar com ela agora. — Olhei para ele, para Rowan. — Depois de todo esse tempo, depois de toda essa miséria, eles devem ficar juntos.

Por um longo e silencioso momento, Rowan e Vincent se entreolharam. O ar estava pesado com o peso de sua raiva, sua tristeza, o medo, ambos esperando que o outro desse o primeiro passo.

Para meu alívio e surpresa, Rowan falou primeiro.

— Ela deve estar no chão, entre as árvores, de modo que o ciclo da vida possa continuar. Talvez... podemos encontrar um lugar que iria funcionar para ambos.

Um dos shifters mais jovens abriu a boca para protestar, mas Rowan ergueu a mão o sufocando, e ele foi brilhante o suficiente para se acalmar.

— Eu ficaria feliz em discutir o assunto. — disse Vincent.

Foi um começo.

Começamos a volta para a estrada, caminhando silenciosamente através da escuridão, o sofrimento ainda espesso no ar.

— Olhe para cima. — disse Ethan, e eu inclinei para trás a minha cabeça.

As nuvens tinham se quebrado e revelado uma obra-prima: o azul-escuro do universo, listado pela dispersão de diamantes que compõem a Via Láctea. Estrelas brilhavam como pedras brilhantes na escuridão, quando nós voamos através do universo em nosso globo azul e verde.

— Lindo. — eu disse, as lágrimas quase florescendo pela segunda vez.

Bonito, mas triste. Este tinha sido um campo de batalha e era um lugar de guerra e perda, onde o ódio tinha enraizado, fora semeado para as gerações.

Olhei para trás. Vincent e Rowan, vampiro e shifter, estavam lado a lado, seus olhares sobre o espetáculo brilhante acima de nós.

Eu não era ingênua o suficiente para pensar que resolver o mistério sobre o paradeiro de Fiona McKenzie e resolver o assassinato de Taran McKenzie seria suficiente para apagar toda a história que tinha acontecido aqui. Tinha havido lutas demais, muita tristeza, muita violência, e sobrenaturais não eram muito de dar a outra face. A história não poderia ser reescrita.

Mas poderia ser aceita, reconhecida. Poderia servir como base para algo novo. Algo *melhor*. Nós tínhamos feito o que podíamos aqui. O resto seria com eles.

E, quanto a nós... Pensei em Catcher e Mallory, Luc e Lindsey. Dos seus apartamentos na Casa Cadogan, do edifício Hancock e a roda-gigante no cais da marinha, o reflexo da iluminação pública no Rio Chicago.

Chicago não era perfeita. Havia conflitos e violência que tinha sido difícil de superar. Mas esses sofrimentos e atribulações eram meus para compartilhar, e meus para ajudar a curar.

Enfiei a mão no braço de Ethan. — Isso é o suficiente de férias para mim. Vamos para casa.

FIM